

Caracterização dos festivais de arte na Lisboa pós-Expo'98: evolução e tendências

João Concha, Dinâmia'CET-IUL

RESUMO

Com a realização da Exposição Mundial Expo'98, Lisboa conheceu um momento de forte investimento não apenas na renovação urbana como também, em particular, na programação cultural. Após esse mega-evento, e numa conjuntura em que se anteviam maiores restrições ao investimento, diversas iniciativas foram sendo levadas a cabo de forma esparsa, ocupando espaços de vária natureza, muitas delas seguindo o modelo do 'festival'.

Neste artigo pretendemos apresentar um conjunto de análises, de teor quantitativo e qualitativo, com vista à caracterização dos festivais de arte(s) na Lisboa pós-Expo'98. Esta realidade será posteriormente objecto de investigação aprofundada no âmbito da dissertação *Da revitalização urbana na Lisboa pós-Expo'98: os festivais de arte(s) no espaço público*, cujo objectivo final será o de reconhecer marcas e permanências, efeitos de continuidade ou de transformação induzida no território por estas iniciativas que, paradoxalmente, se inscrevem na categoria do 'efémero'.

O presente artigo procede à caracterização dos festivais de arte que tiveram lugar na cidade de Lisboa entre 1999 e 2009, período para o qual havíamos previamente realizado um exaustivo e inédito levantamento e do qual resultou a criação de uma base de dados para as várias ocorrências. Expomos aqui os resultados do tratamento e análise desse vasto conjunto de informações, recorrendo sempre que necessário a elementos gráficos, e que agrupamos segundo temáticas: número de festivais, distribuição geográfica dos festivais, áreas artísticas, tipos de espaços ocupados, tipos de acesso, tipos de participação dos públicos e, por fim, problemáticas urbanas envolvidas.

A caracterização dos festivais de arte(s) na Lisboa pós-Expo'98, não devidamente estudados até à data, tem em vista um conhecimento alargado dos seus perfis e tipologias, procurando esclarecer sobre tendências e evolução espaciotemporal destes eventos, com implicações específicas no âmbito do planeamento urbano e gestão de espaços públicos. A etapa agora apresentada revela-se ainda indispensável à fase de investigação seguinte, suportando a selecção de casos de estudo detalhado no âmbito da referida dissertação.

Palavras-chave:

festival de arte, programação cultural, espaço público, planeamento urbano, Lisboa

Caracterização dos festivais de arte na Lisboa pós-Expo'98: evolução e tendências

1. Introdução

Neste artigo pretendemos apresentar um conjunto de análises, de teor quantitativo e qualitativo, com vista à **caracterização dos festivais de arte** realizados em Lisboa após o mega-evento Expo'98 (Exposição Mundial).

No contexto actual, o festival de arte, assumido aqui operativamente por nós enquanto iniciativa cultural que agrega um conjunto de eventos associados a uma ou mais disciplinas artísticas, tem sobretudo tradição em algumas áreas como a música ou o cinema. Frequentemente apresenta um programa com duração variável, que pode ser pensado apenas para um dia ou durar até uma semana ou mais, não ultrapassando na maioria dos casos um mês. Estas definições sobre festival de arte e seu contexto, em fase anterior da investigação, foram apresentadas em "Festivais de arte(s) na Lisboa pós-Expo'98: uma aproximação metodológica" (Concha, 2016), bem como um conjunto de abordagens que nos permitiram um levantamento inédito e exaustivo deste fenómeno na cidade de Lisboa para o arco temporal entre 1999 e 2009, inclusive.

A presente fase de investigação, de que damos conta neste artigo, tem como objectivos específicos:

- Expor e discutir os resultados do tratamento e análise do vasto conjunto de informações levantadas;¹
- Permitir o conhecimento alargado das características, perfis e tipologias de festivais de arte;
- Esclarecer sobre as tendências verificadas e sua evolução, no tocante a este modelo de iniciativa cultural para o período em causa;
- Suportar, em fase posterior, a definição de uma grelha de critérios para a selecção de casos de estudo detalhado no âmbito da dissertação *Da revitalização urbana na Lisboa pós-Expo'98: os festivais de arte(s) no espaço público*;

De referir que o objectivo final da dissertação será o de concluir sobre efeitos de continuidade ou de transformação induzida no território por estas iniciativas que, paradoxalmente, se inscrevem na categoria do 'efémero', avaliando práticas e impactos.

A anterior fase de levantamento, mediante o registo de um extenso conjunto de variáveis para cada festival e suas edições, representou uma aturada pesquisa de dois anos, uma vez que esse tipo de estudo não havia sido realizado previamente, pelo menos de modo abrangente para todas as áreas artísticas.²

Da mesma forma, a presente fase de caracterização dos festivais de arte equivale a novo conhecimento disponível sobre este modelo específico de intervenção cultural e divulgação artística, não devidamente estudado e que se reveste de especial importância também pelo modo

¹ As informações de levantamento foram reunidas e sistematizadas, operativamente, sob a forma de base de dados em suporte Excel.

² Foram encontradas listagens deste tipo apenas para os festivais de música (Azevedo e Bramão, 2015) e de cinema de documentário (apordoc.org), ainda assim com outros parâmetros relativamente ao espaço e tempo de pesquisa, informação essa que contribuiu para complementar ou confirmar, pontualmente, aspectos de detalhe no levantamento por nós efectuado.

diversificado como ocupa espaços na cidade. Assim, a caracterização deste fenómeno é essencial para a compreensão dos diferentes perfis de festival, das práticas mais e menos comuns e da sua relação com o contexto spatiotemporal, com implicações concretas no âmbito do planeamento urbano e gestão de espaços públicos.

As análises foram efectuadas tanto numa perspectiva de teor qualitativo como também quantitativo, recorrendo para tal à realização de gráficos - circulares, de barras, e de pontos/linhas - a fim de uma visão mais clara dos padrões de evolução, bem como ao mapeamento para a cidade de Lisboa das principais variáveis em presença, procurando compreender a sua distribuição espacial. Para este trabalho de cálculo, mapeamento e síntese gráfica utilizámos o software Numbers (Apple Inc.) e o software online RAW Graphs (DensityDesign Research Lab), complementados pela montagem dos objectos vectoriais em mapa da cidade em Adobe Illustrator (Adobe Systems).

Assim sendo, apresentaremos em seguida a caracterização dos festivais de arte decorridos em Lisboa entre 1999 e 2009, estruturada nos seguintes capítulos temáticos que decorrem do próprio levantamento e base de dados: *2.1 Número de festivais*, *2.2 Distribuição geográfica*, *2.3 Áreas artísticas*, *2.4 Tipo(s) de espaços ocupados*, *2.5 Tipo(s) de acesso*, *2.6 Tipo(s) de participação dos públicos* e *2.7 Problemáticas urbanas envolvidas*.

Realizaremos por fim uma síntese das principais tendências registadas, estabelecendo algumas relações entre áreas temáticas antes abordadas, expressas em *3. Conclusão*.

2. Caracterização dos festivais de arte na Lisboa Pós-Expo'98

Sobretudo nas sociedades ocidentais, num contexto de democratização e massificação do consumo, inclusive de bens culturais, o festival tornou-se um produto cultural acessível à maioria, tendo conhecido grande expansão na segunda metade do século passado e no séc. XXI, com um aumento do número de festivais e sua diversificação de tipologia, localização e público (Fouccroulle, 2009). Podemos inclusive apontar o fenómeno da festivalização da cultura (Bennett *et al.*, 2014) como uma forte tendência na evolução da programação cultural e no modo como os públicos consomem e experienciam a cultura no nosso tempo.

No caso da cidade de **Lisboa** assinala-se um aumento do número de festivais de arte - enquadrado no fomento de programação cultural e seus diversos tipos de iniciativas -, desde logo a partir da década de 90 do século XX, num contexto de crescimento económico e de fundos de apoio ao desenvolvimento por parte da União Europeia, então designada de Comunidade Europeia. O acolhimento do festival multidisciplinar Europalia por parte de Portugal, enquanto país convidado em 1991, bem como a celebração de Lisboa como Capital Europeia da Cultura (L94)³ no ano de 1994, ambas iniciativas europeias, permitiram o acolhimento de programação cultural diversa e criação artística concebida propositadamente para eventos a realizar nesses anos, tendo ainda implicado a renovação e construção de importantes equipamentos culturais. No caso da L94, a par da construção do Centro Cultural de Belém, a requalificação urbana da zona de Belém ganhou novo fôlego, potenciando-se a transformação e revalorização desta área ocidental da cidade. Estas iniciativas contribuíram para uma forte transformação daquilo que viriam a ser as políticas culturais e o seu entendimento no contexto nacional (Holton, 2003).

³ A iniciativa Capital Europeia da Cultura (União Europeia) foi iniciada em 1985 com o nome Cidade Europeia da Cultura, não correspondendo - pela designação, duração e propósitos - ao modelo festival de arte (Cf. Concha, 2016).

Com a realização da Exposição Mundial Expo'98, Lisboa conheceu também um momento de forte investimento não apenas na renovação urbana, com a reestruturação profunda da zona oriental que viria a transformar-se no actual Parque das Nações, como também na programação cultural para espaços públicos e com impactos significativos no sector artístico (Santos *et al.*, 1999). Após esse mega-evento, diversas iniciativas culturais, muitas delas sob o modelo do 'festival', foram sendo levadas a cabo intervindo na cidade e nos seus espaços colectivos, reflectindo preocupações muito diversificadas. Alguns desses projectos foram de iniciativa pública, outros de promoção e gestão privada, alguns realizados com meios escassos, outros apoiados institucionalmente, com alguns festivais a proporem uma reflexão sobre o próprio fenómeno urbano, enquanto outros se remetiam a uma lógica mais comercial associada ao entretenimento. São estes os festivais de arte, realizados em Lisboa entre 1999 e 2009, cuja caracterização apresentamos em seguida.

2.1 - Número de festivais

A partir de uma leitura da base de dados, que reúne a informação completa do levantamento para o período spatiotemporal considerado, devemos aqui apontar alguns indicadores quantitativos que nos servem de caracterização prévia:

- Regista-se um total de **149 festivais de arte** diferentes, cada um deles correspondente a uma denominação concreta e, como tal, a um projecto cultural com identidade específica;⁴

- Regista-se um total de **477 ocorrências de festivais de arte**, ou seja, um total de **477 edições** diferentes para os 149 festivais de arte identificados. Embora se possa apontar uma minoria de festivais de arte que apenas registam uma primeira e única edição, na sua maioria estes obedecem a uma periodicidade anual, com alguns casos pontuais a corresponderem a festivais bienais⁵ ou mesmo bianual⁶;

- Se atendermos ao registo numérico absoluto da ocorrência de edições de festivais de arte por cada freguesia, e uma vez que cada edição de festival pode abranger uma ou mais freguesias em função da localização dos espaços ocupados pelos eventos, regista-se um total de **957 ocorrências** de festivais de arte **segundo freguesias**.⁷

Não obstante o levantamento exaustivo para o período indicado, foi também realizada uma pesquisa geral para registar que festivais tiveram lugar em anos anteriores e posteriores, com particular interesse pelo ano de realização da Expo'98 e pelo ano de 2010, imediatamente antes e depois do arco temporal em análise.

Realizámos então, a partir desses dados, o gráfico nº **01** a fim de observar a evolução temporal do número de festivais de arte.

⁴ Três exemplos de festivais de arte e respectivas designações: Festival Arte Mais, Festa da Música, Jameson Urban Routes Festival.

⁵ Dois exemplos de festivais bienais: Rock in Rio Lisboa e Luzboa - Bienal Internacional da Luz.

⁶ O único caso identificado de periodicidade bianual, com edição na Primavera e edição no Outono: FEST-i-BALL.

⁷ Trataremos este indicador mais adiante, v. 2.2 - Distribuição geográfica.

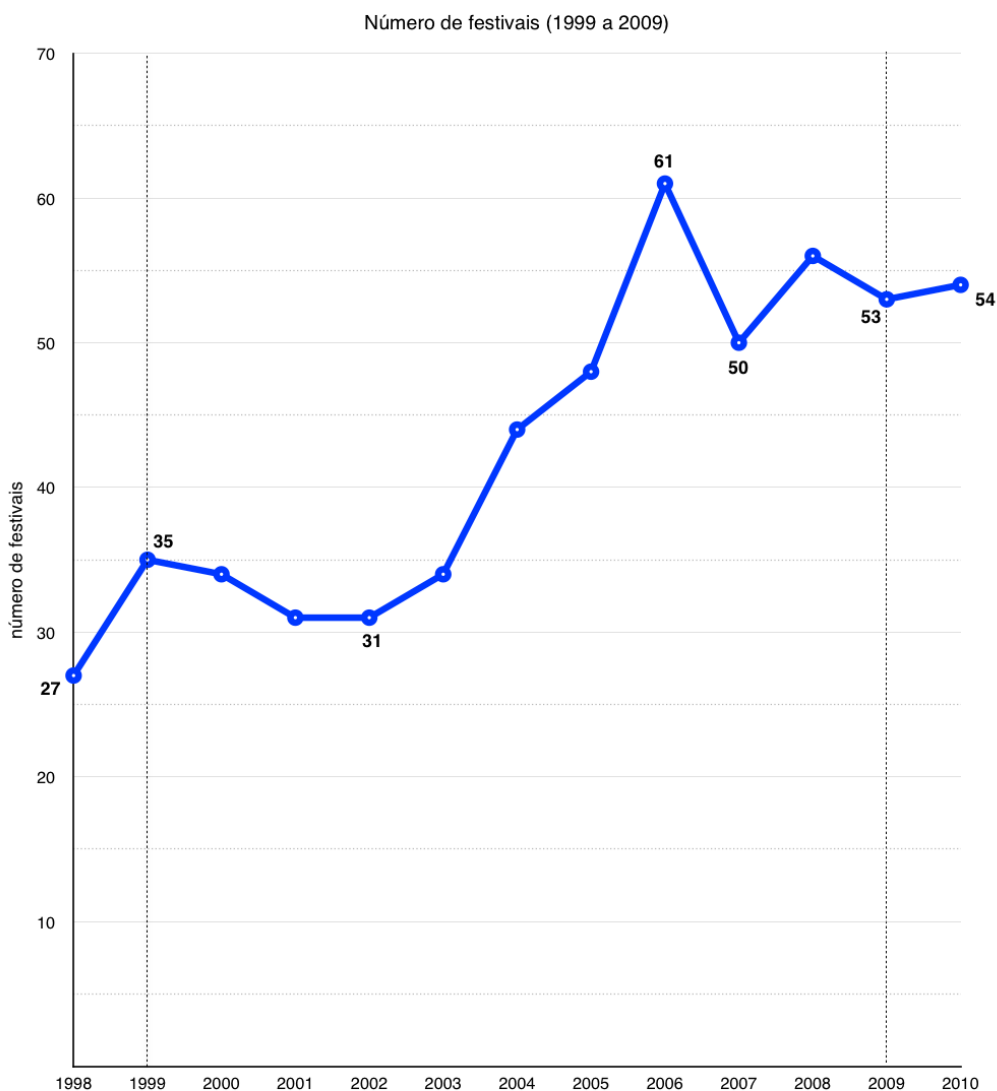


gráfico 01

Considerando o forte momento de programação cultural associado à realização da Exposição Mundial de Lisboa de 1998, há a referir um conjunto de actividades artísticas e eventos realizados nesse mesmo ano, incluindo festivais. Alguns decorreram à margem da grande exposição, procurando de algum modo tirar partido da afluência turística por ela motivada, enquanto que outros festivais estavam integrados na própria programação da Expo'98, decorrendo ou não em espaços do recinto expositivo.

Nesse ano registam-se 9 novos festivais, ou seja, nove com uma primeira edição (cinco dos quais em edição única, sem repetição no futuro), num total de 27 festivais ocorridos.

Entre os novos temos o exemplo do Festival Lugar à Dança, iniciativa no âmbito da Expo'98 ocorrida em espaços do recinto, que sobreviveu à exposição e viria a ter edições em anos seguintes em localizações variáveis. Outros festivais de arte, ainda que promovidos no âmbito da exposição mundial, assumiram uma programação autónoma e ocuparam espaços diversos na cidade. São disso exemplo o Festival Mergulho no Futuro e o 100 Dias - Festival Cultural, mais conhecido como Festival dos 100 Dias, envolvendo artistas e agentes culturais nacionais e estrangeiros. Eventos como estes demonstraram verdadeiro impacto na criação e produção cultural, sendo esta uma das consequências a curto prazo da realização da Expo'98 (Santos *et al.*, 1999).

O ano de 1999 parece ter sofrido um efeito de contágio da Expo'98 no que diz respeito a investimento significativo em eventos culturais sob a forma de festival, com 10 novos festivais num total de 35 ocorridos, um significativo crescimento do número total de edições face a 1998. A título de exemplo, refira-se o Festival dos Oceanos, iniciado em 1999 com o propósito de celebrar os oceanos (um dos grandes temas da Expo'98) e de potenciar a atractividade turística através da programação cultural em diferentes zonas da cidade, particularmente no Parque das Nações. Podemos verificar que em 1999 o número de edições de festivais de arte na cidade de Lisboa atinge um máximo relativo (35), mas que nos anos imediatamente seguintes esse número apresenta uma quebra, com 31 edições em 2001 e em 2002, valor mínimo no período em análise (excluindo portanto o ano da Expo'98).

A partir de 2002 volta a registar-se um crescimento do número de festivais realizados, só interrompido em 2007. É expressivo o crescimento neste período, particularmente em 2004 (44 festivais face aos 34 em 2003), tal como em 2005 (mais 4 festivais que em 2004) e sobretudo em 2006, com 61 festivais, máximo absoluto no período em causa.

No caso específico de 2004, o Campeonato Europeu de Futebol (Euro 2004) poderá justificar parcialmente o aumento da oferta ao nível dos eventos, mais uma vez tirando proveito da afluência turística. No entanto, devemos apontar razões estruturais para esse crescimento no conjunto de anos 2004 a 2006, em particular o contexto económico e político favorável ao investimento, bem como circunstâncias diversas no tocante aos próprios festivais e que se reflectiram num aumento do número de novos festivais, em particular na área da música, que adiante contextualizamos. De referir que em 2006, além do valor máximo para o número total de edições de festivais no período em causa, também se regista o valor máximo para o número de novos festivais.

Nos últimos anos do período em análise assistimos a uma certa estabilização do número de edições de festival, acima de 50, com uma redução no ano de 2009, com 53 face às 56 edições registadas em 2008. Aliás, já em 2007 se regista uma descida acentuada do número de festivais de arte ocorridos na cidade de Lisboa.

As edições de festivais contabilizadas para 2010 totalizam as 54, confirmando a tendência de estabilização do número deste tipo de eventos e a desaceleração do seu crescimento no final da década em causa e início da década seguinte. A crise financeira global e as suas repercussões nas economias europeia e portuguesa poderão justificar esse refreamento para os anos referidos, marcando de modo notório o final de um ciclo.

Malgrado este abrandamento no final da década de 2000, salientamos o facto de uma tendência crescente se afirmar como dominante, ou pelo menos mais frequente, desde o ano 2002, sendo os máximos absolutos do número de festivais atingidos em 2006 e 2008 (61 e 56 respectivamente).

2.2 - Distribuição geográfica

Para uma caracterização da distribuição geográfica dos festivais de arte na cidade de Lisboa considerámos as freguesias de acordo com o actual mapa de organização administrativa (Lei n.º 85/2015 de 7 de agosto).

O levantamento efectuado e a base de dados registam para cada edição de cada festival de arte a(s) freguesia(s) abrangida(s) pela mesma, com a sinalização de eventos (Concha, 2016).

Algumas edições de um determinado festival localizam os eventos apenas num único espaço, e portanto numa única freguesia, enquanto outras edições ocupam temporariamente vários espaços de uma mesma freguesia, ou ainda, como sucede em boa parte dos casos, ocupando diferentes

espaços localizados em duas ou mais freguesias. Por este facto, convém lembrar a distinção - já efectuada no ponto anterior - entre a edição de um dado festival de arte por oposição à menção 'ocorrência' aqui aplicada às freguesias, pois esta última não tem correspondência a um dado festival de arte ou sua edição específica, mas sim à localização de evento(s) em cada freguesia.⁸

Para este tipo de caracterização calculámos o número total de ocorrências, somando todos os registos de festivais de arte nas 24 freguesias do concelho entre 1999 e 2009. A sua expressão é o gráfico nº 02, que contabiliza o total de 957 ocorrências segundo freguesias, mostrando-nos uma maior ou menor concentração dos festivais em cada uma delas. Elaborámos também o mapa A, a partir do território concreto, de modo a tornar mais clara a distribuição geográfica dessas ocorrências.

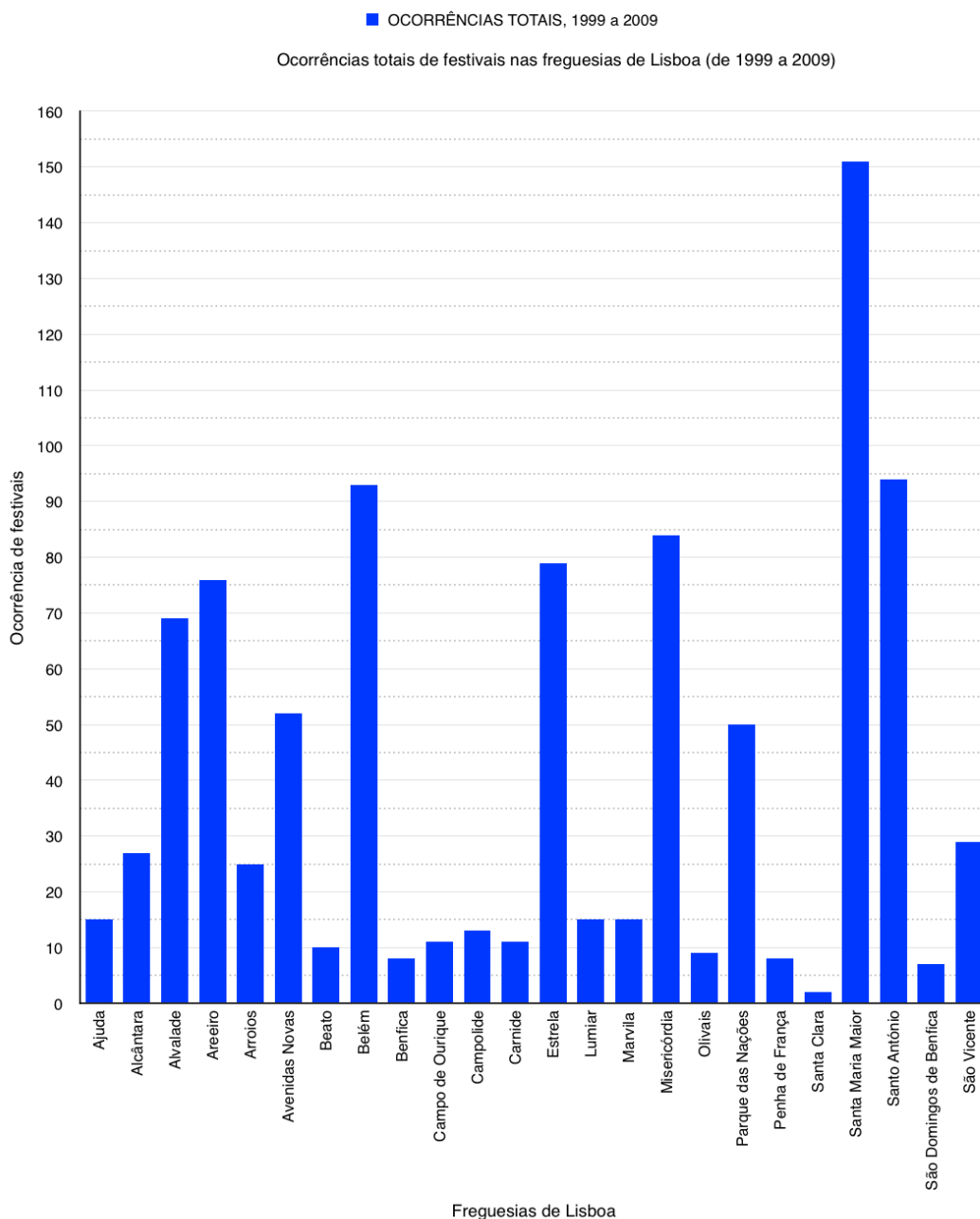


gráfico 02

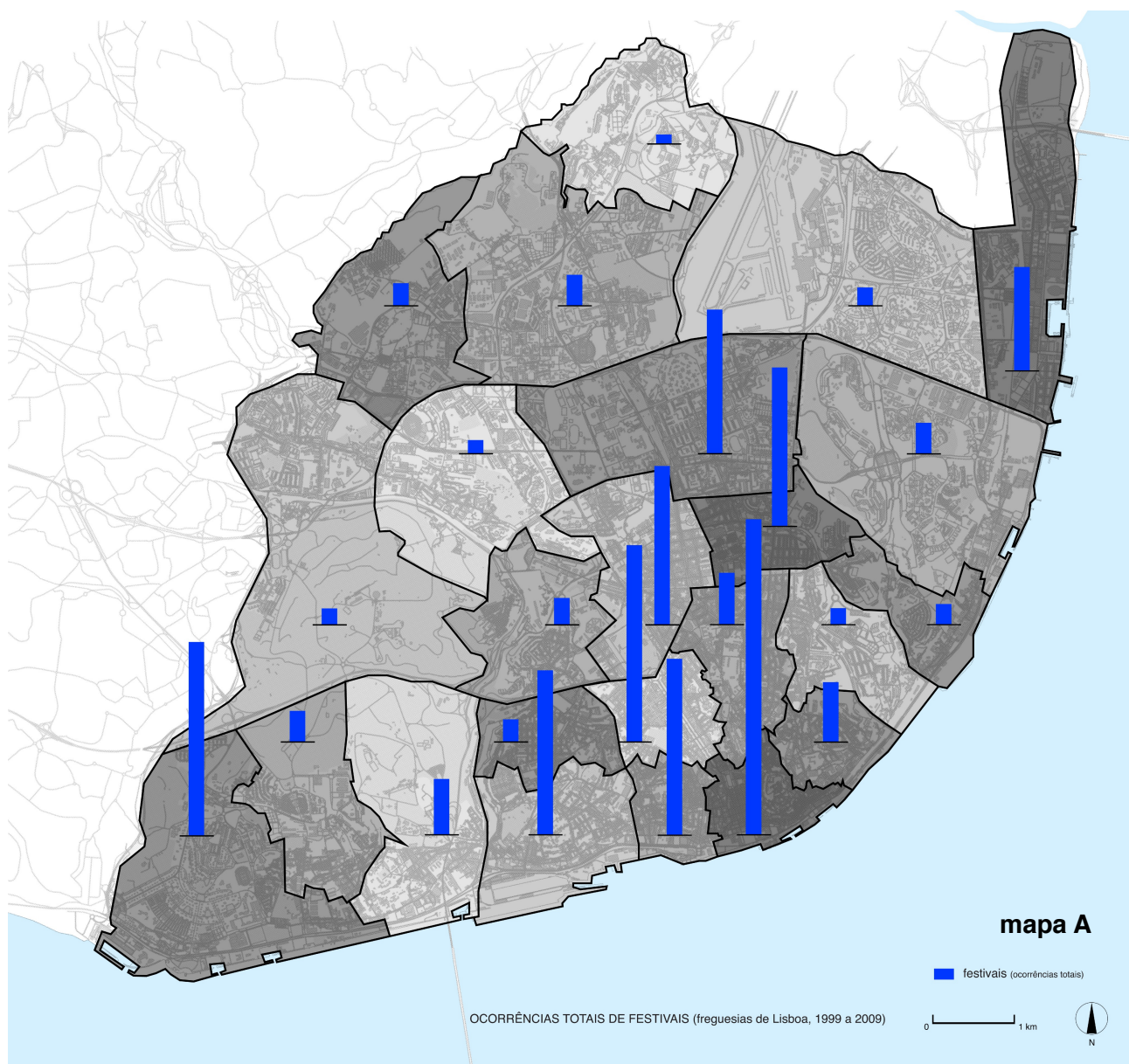
⁸ Como mero exemplo, podemos referir a primeira edição do Festival Alcantara, em 2004, que decorreu em espaços das freguesias de Areiro, Belém e Misericórdia, correspondendo esta edição a três ocorrências geográficas distintas.

Numa primeira leitura, verificamos que a localização geográfica dos festivais é bastante variável no tocante aos espaços ocupados e respectivas freguesias.

Observamos que Santa Maria Maior é a freguesia de Lisboa com maior número de ocorrências neste período, mais de 150 no total, com grande distância face a todas as restantes. Outras freguesias com grande número de ocorrências, acima das 80, são Santo António (94), Belém (93) e Misericórdia (84).

Verificamos ainda que inúmeras freguesias registam um número muito reduzido de ocorrências, 10 ou menos que 10: Beato, Benfica, Olivais, Penha de França, Santa Clara e São Domingos de Benfica. Estas quase a par de um conjunto de freguesias que registam pouco mais que dez ocorrências: Ajuda, Campo de Ourique, Campolide, Carnide, Lumiar e Marvila. Estes dois grupos com um número reduzido de ocorrências de festivais de arte totalizam metade do total das freguesias de Lisboa.

Deste modo, devemos assinalar o carácter irregular e assimétrico da distribuição geográfica dos festivais de arte, com uma grande concentração em poucas freguesias e uma reduzida presença de eventos em boa parte (pelo menos metade) das freguesias que compõem o mapa administrativo da cidade.



Mediante um cálculo comparativo das ocorrências de festivais de arte por cada freguesia nos anos de 1999 e de 2009, podemos perceber eventuais evoluções temporais na distribuição geográfica dos festivais, expresso no gráfico nº 03 e correspondente mapa B.

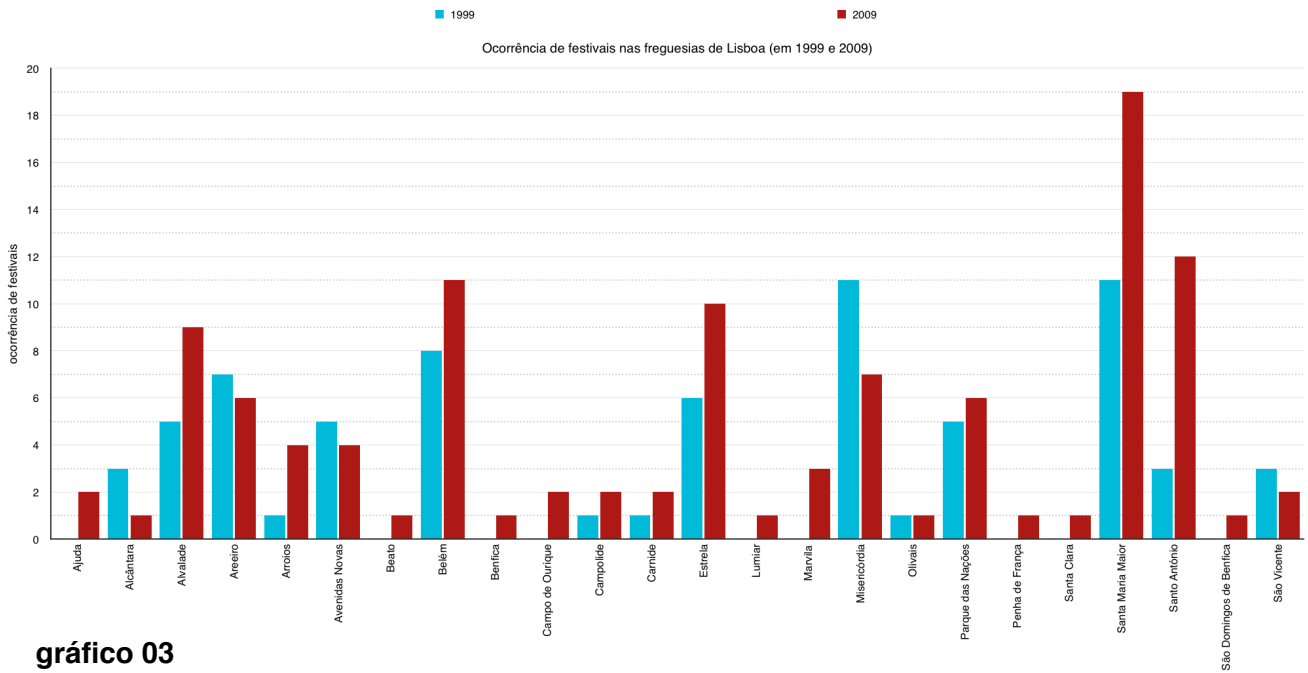
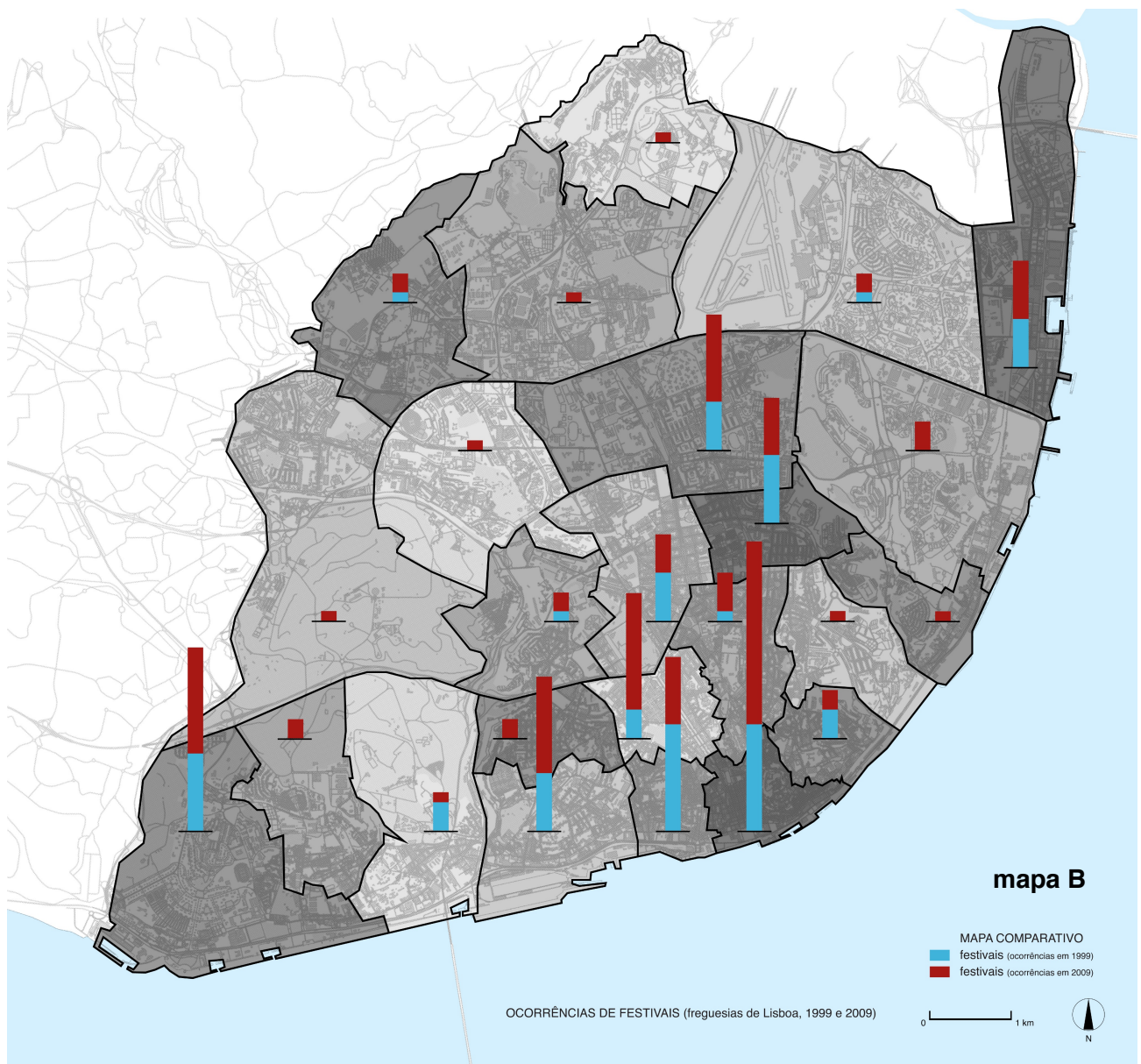


gráfico 03



mapa B

A partir da análise dos elementos gráficos, e tendo em mente o crescimento global do número de festivais de 1999 para 2009, a maioria das freguesias reflecte essa evolução numérica, cujos exemplos mais evidentes são as freguesias de Santa Maria Maior e Santo António, justamente duas das que maior número de ocorrências registam. Em Santa Maria Maior regista-se um forte crescimento do número de ocorrências, de 11 em 1999 para 19 em 2009, quando já em 1999 o número de eventos era elevado no panorama global. Esse crescimento é apenas ultrapassado pela freguesia de Santo António, na qual quadruplica a ocorrência de festivais, de 3 em 1999 para 12 em 2009, com uma forte ocupação do Cinema São Jorge e alguns espaços exteriores. Encontramos algumas excepções a esta tendência, isto é, freguesias nas quais a ocorrência de festivais em 2009 desce face a 1999, porém com uma diferença pouco relevante, nomeadamente os casos de Alcântara, Areeiro, Avenidas Novas, Misericórdia e São Vicente.

Cientes das limitações deste último tipo de análise, condicionada a dois anos, realizámos um estudo gráfico que reflectisse a evolução da ocorrência de festivais de arte no período espaciotemporal em cada freguesia de Lisboa, utilizando os dados respeitantes a cada um dos anos. A partir desse gráfico global, de difícil leitura, isolámos a informação mais significativa para algumas das freguesias, procurando elucidar sobre maior e menor concentração geográfica de festivais ao longo da década em causa. Esta análise resulta nos gráficos nºs **04**, **05** e **06**, a propósito dos quais podemos tecer algumas considerações na relação com o território concreto da cidade de Lisboa.

O primeiro dos gráficos (nº **04**) detém-se nas freguesias com maior e menor número total de ocorrências. Mostra-nos a evolução temporal, de 1999 a 2009, para as freguesias com maior concentração de ocorrências (superior a 80) - Santa Maria Maior, Santo António, Belém e Misericórdia - e com menor concentração (inferior a 10) - Benfica, Olivais, Penha de França, Santa Clara e São Domingos de Benfica -, nestas últimas reduzindo-se quase sempre a uma ou nenhuma ocorrência a cada ano.

Confirmamos a tendência quanto ao importante crescimento do número de ocorrências para o primeiro grupo, sobretudo Santa Maria Maior, Santo António e Belém, ao longo do período temporal em causa, notando uma quebra de 2007 em diante. Na freguesia da Misericórdia é mais visível a referida quebra do número de eventos, embora nesta zona se possa observar uma grande variação desse número a cada ano.

São raros os anos em que as freguesias com maior número de ocorrências igualam a freguesia de Santa Maria Maior, aliás nunca ultrapassada por nenhuma delas. Ao longo deste período, é esta freguesia central na cidade de Lisboa a que melhor resiste à desaceleração do crescimento dos festivais de arte, registando 19 ocorrências em 2009, quase o dobro das registadas nesse mesmo ano em Santo António (12) ou Belém (11).

De realçar o forte contraste entre o primeiro grupo de freguesias, com elevado número de ocorrências de festivais a par de um evidente crescimento, e o segundo grupo, sem grande variação ou padrão de evolução, com as suas escassas ocorrências.

Procurámos sintetizar esta análise da localização geográfica relativa ao maior e menor número de ocorrências no mapa **C**, onde podemos observar que três das quatro freguesias com maior número de ocorrências se localizam naquele que é identificável como o centro histórico da cidade, correspondendo a áreas de grande notoriedade e com assinalável concentração de edifícios notáveis (imóveis inventariados / classificados), de equipamentos colectivos (teatros e salas de espectáculos) e de espaços públicos (ruas, largos e praças) de forte representatividade na malha urbana lisboeta. Pelo contrário, três das cinco freguesias com menor número de ocorrências - Benfica, Olivais e Santa Clara - localizam-se na periferia da cidade, estabelecendo fronteira com concelhos vizinhos.

Os festivais de arte parecem privilegiar a ocupação de espaços em freguesias mais centrais da cidade, colocando-se aqui a questão sobre o valor simbólico destes lugares no contexto urbano, mas também sobre a sua adequação à realização de eventos.

Evolução da presença de festivais nas freguesias de Lisboa com maior e menor número de ocorrências, de 1999 a 2009

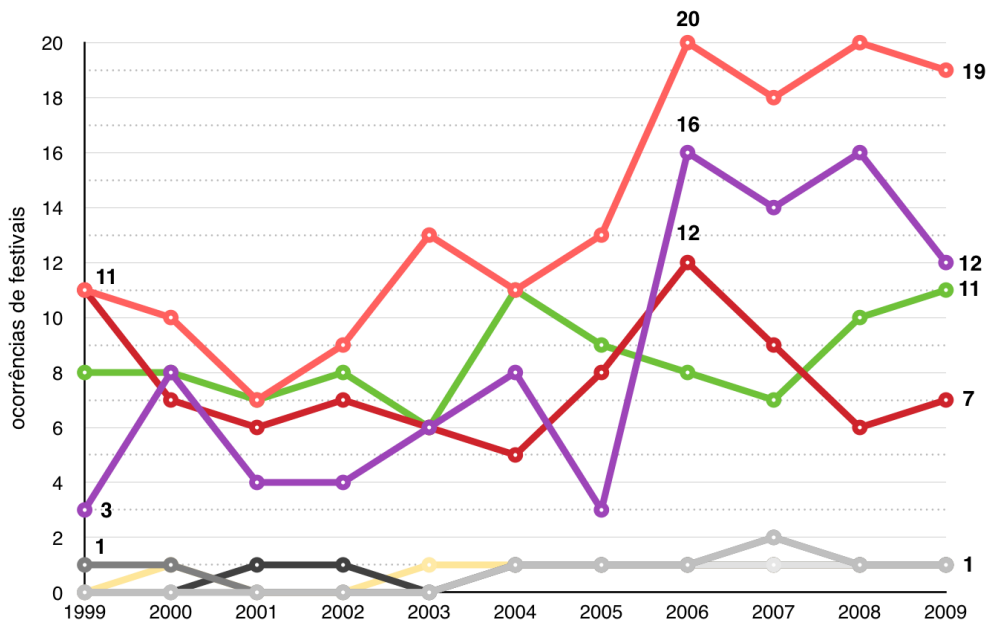
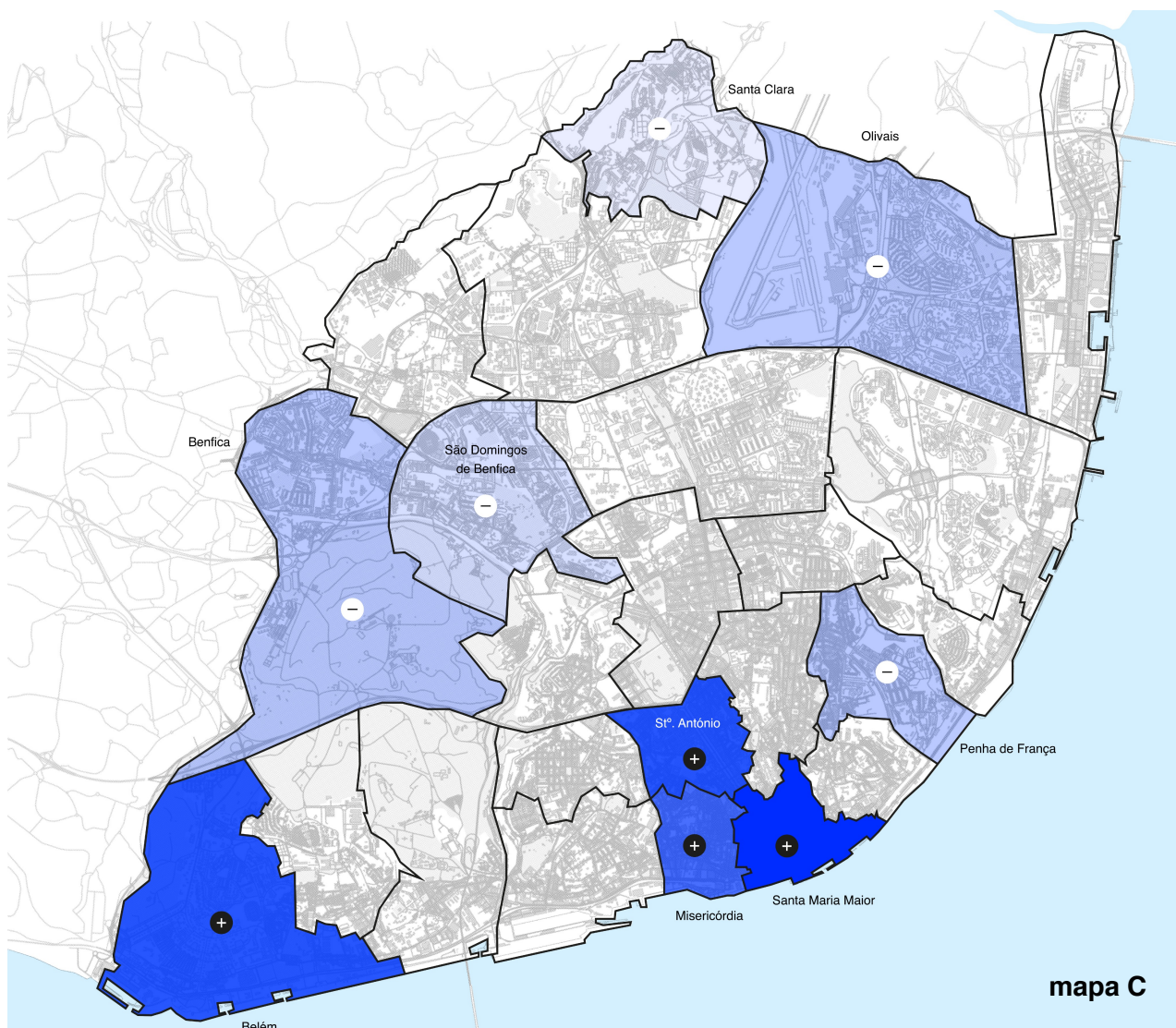


gráfico 04



mapa C

A propósito desta problemática da centralidade, quisemos registar a evolução da ocorrência de festivais de arte entre 1999 a 2009 nas freguesias mais centrais (gráfico nº **05**) e nas mais periféricas (gráfico nº **06**).

No caso das freguesias mais centrais foram incluídas as da Estrela, Misericórdia, Santa Maria Maior e São Vicente, todas elas abrangendo bairros históricos e com frente ribeirinha, assim como as de Santo António e Arroios, correspondendo grosso modo a um núcleo de crescimento da cidade a partir da Baixa Pombalina, e segundo dois eixos principais: Avenida da Liberdade e Avenida Almirante Reis. As freguesias mais periféricas da cidade foram entendidas como todas aquelas que estabelecem fronteira com os concelhos limítrofes de Lisboa.⁹

O gráfico nº **05**, com as freguesias mais centrais, corresponde praticamente ao gráfico nº **04**, que diz respeito às freguesias com maior número total de ocorrências de festivais (Misericórdia, Santa Maria Maior e Santo António), faltando Belém, situada no limite ocidental da cidade. Reforçamos o sentido desta coincidência entre freguesias mais centrais e freguesias com maior número de ocorrências, já apontada, confirmando o carácter extremamente atractivo do centro histórico no tocante ao acolhimento de festivais de arte.

Verificamos que também a Estrela regista um número assinalável de ocorrências, que tende a crescer ao longo do período analisado, com uma quebra em 2007 e novo crescimento com relativa estabilização em 2008 e 2009.¹⁰

No gráfico nº **06**, com as sete freguesias mais periféricas do concelho de Lisboa, encontramos um conjunto relativamente uniforme quanto ao número de ocorrências a cada ano, composto por Benfica, Carnide, Lumiar, Olivais e Santa Clara, variando sobretudo entre duas, uma ou nenhuma ocorrência. Esta condição periférica das freguesias parece reflectir-se na capacidade de atrair festivais, correspondendo três das mencionadas a freguesias que detêm menor valor absoluto de total de ocorrências, presentes também no gráfico nº **04**.

Destacam-se apenas, com maior número de ocorrências e maior variabilidade temporal, as freguesias de Belém e Parque das Nações. A primeira é uma das que soma maior número total de ocorrências e a segunda regista um número médio de ocorrências face aos conjuntos analisados. Será interessante notar que estas duas freguesias correspondem precisamente aos limites ocidental e oriental da cidade, com frentes ribeirinhas caracterizadas por espaços públicos qualificados e pela existência de equipamentos culturais, bem como de património arquitectónico relevante no caso de Belém. Curiosamente, o contexto histórico da requalificação destas duas áreas urbanas está intimamente ligado a importantes eventos de índole cultural, no caso de Belém à L94 - Capital Europeia da Cultura (1994) e ainda antes, de modo mais profundo, à própria Exposição do Mundo Português, celebração da nacionalidade durante o Estado Novo (1940), e no caso do Parque das Nações ao mega-evento Expo'98, momentos decisivos para que estas áreas se tenham tornado atractivas e dinâmicas no contexto da cidade de Lisboa. Estiveram em causa processos de renovação urbana mediante opções estratégicas de planeamento, tendo os eventos referidos funcionado como pretexto ou parte integrante da transformação pretendida. Essas operações de renovação ou expansão urbana foram desenvolvidas quer por via da construção de importantes conjuntos edificados, quer pela definição ou requalificação de espaços públicos, novos ou existentes.

⁹ Referimo-nos às freguesias de Belém, Benfica, Carnide, Lumiar, Olivais, Parque das Nações e Santa Clara.

¹⁰ Arroios e São Vicente, neste conjunto as freguesias localizadas mais a norte e a oriente, respectivamente, registam valores bem menores que as restantes freguesias no mesmo gráfico, ainda assim com um crescimento evidente no caso de Arroios e flutuações no caso de São Vicente.

Evolução da presença de festivais nas freguesias de Lisboa mais centrais (**centro alargado**), de 1999 a 2009

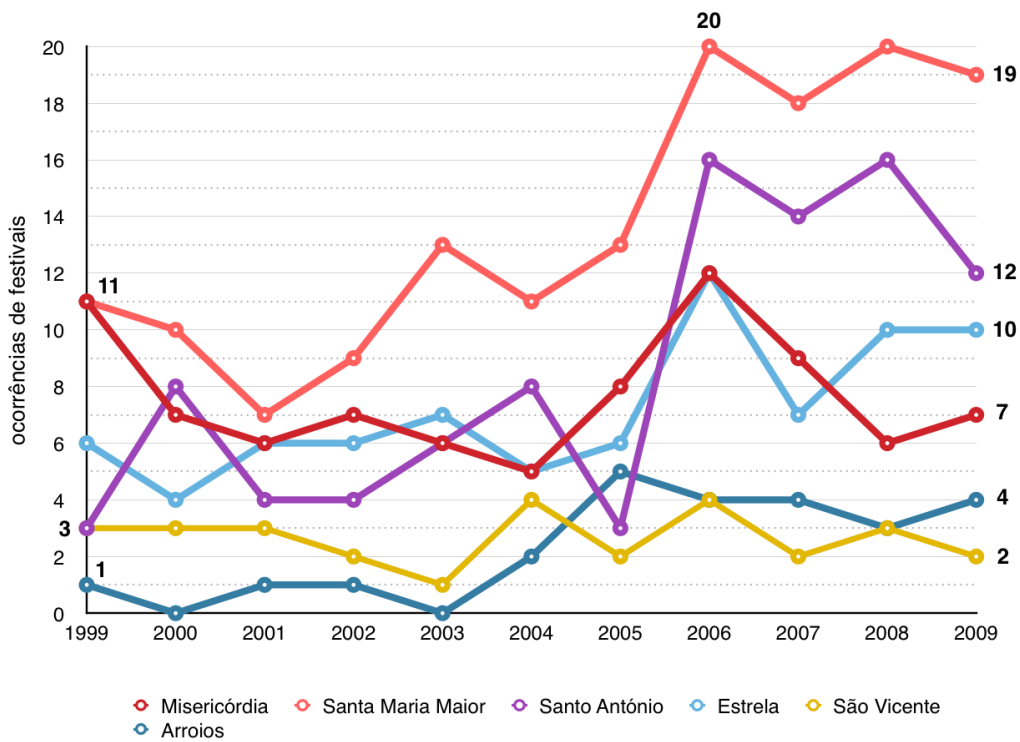


gráfico 05

Evolução da presença de festivais nas freguesias de Lisboa mais **periféricas**, de 1999 a 2009

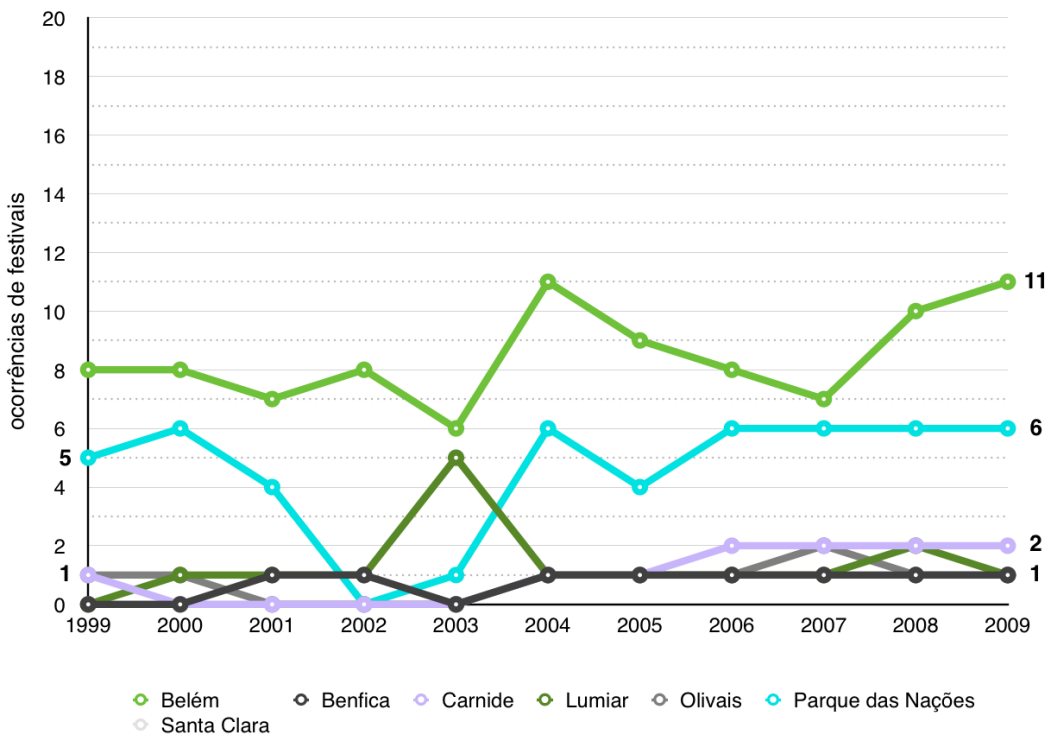


gráfico 06

2.3 - Áreas artísticas

As áreas artísticas implicadas nos festivais já haviam sido parametrizadas em fase anterior (Concha, 2016), sistematização afinada durante a criação da base de dados que regista assim as seguintes categorias:

- **Artes visuais;**
- **Cinema;**
- **Dança;**
- **Literatura;**
- **Música;**
- **Performance;**
- **Teatro;**
- **Multi-artes;**¹¹
- outros.

Analisando esta informação disponível, pretendemos caracterizar a realidade dos festivais de arte quando às suas áreas disciplinares mediante diferentes perspectivas.

A partir do número total de edições de festivais (477) entre 1999 e 2009, identificadas no gráfico nº **07** com uma cor para cada área artística, podemos notar que a **música** corresponde à área predominante, com 40% das edições, seguida depois pelos festivais **multi-artes**, que representam 28,6% das edições ocorridas. No primeiro caso temos uma proliferação de festivais que promovem concertos de múltiplos géneros musicais, em diferentes tipos de espaço e para diferentes públicos. No segundo estão em causa festivais também com objectivos muito distintos entre si, que conjugam uma ou mais disciplinas artísticas na sua programação.

As outras expressões distribuem-se do seguinte modo: cinema com 11,4%, dança e teatro ambas com 5,7%, e artes visuais, literatura e performance com 2,9% cada uma delas. Restam outras áreas mais específicas que não cabem nas definições das mencionadas, consideradas por nós como 'outros', com uma presença residual.

Para levar a cabo uma análise da presença das várias áreas artísticas neste período, começámos por elaborar um gráfico comparativo dos anos que definem os limites desse arco temporal. Assim, o gráfico nº **08** mostra-nos o número de edições de festivais (53) realizadas em 2009 distribuídas por áreas artísticas, no qual o crescimento dos festivais de **cinema** e dos **multi-artes** é bem visível face a 1999; de quatro festivais de cinema em 1999 para dez em 2009, e de dez festivais multi-artes em 1999 para dezoito em 2009.¹²

Para uma compreensão mais alargada do período em causa realizámos o gráfico nº **09**, que reproduz a evolução temporal, para cada ano no intervalo, de cada uma das áreas artísticas, através do qual confirmamos a predominância de três tipos de festivais segundo área artística: **música**, **cinema** e **multi-artes**, com grande vantagem no número de edições relativamente a todos os outros tipos.

¹¹ Designação aplicável aos festivais que incluem e/ou cruzam diversas disciplinares artísticas.

¹² Para além destes, também o número de festivais de música aumentou, embora de forma mais discreta (14 edições em 1999, 18 em 2009) e em linha com o aumento do número global de festivais, de 35 edições em 1999 para 53 em 2009.

● Artes visuais ● Cinema ● Dança ● Literatura ● Música ● Performance ● Teatro
● outros ● multi-artes

Áreas artísticas dos festivais (1999 a 2009)

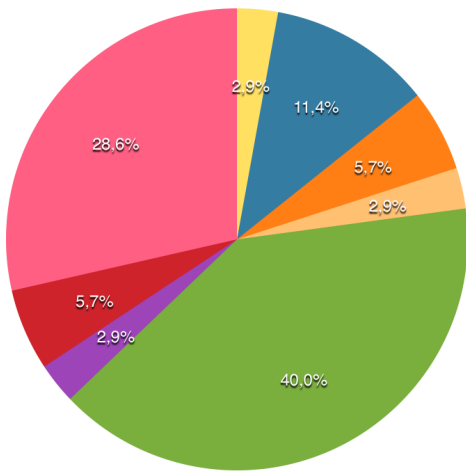


gráfico 07

■ Artes visuais ■ Cinema ■ Dança ■ Literatura ■ Música ■ Performance ■ Teatro
■ outros ■ multi-artes

Distribuição dos festivais quanto às áreas artísticas em 1999 e em 2009

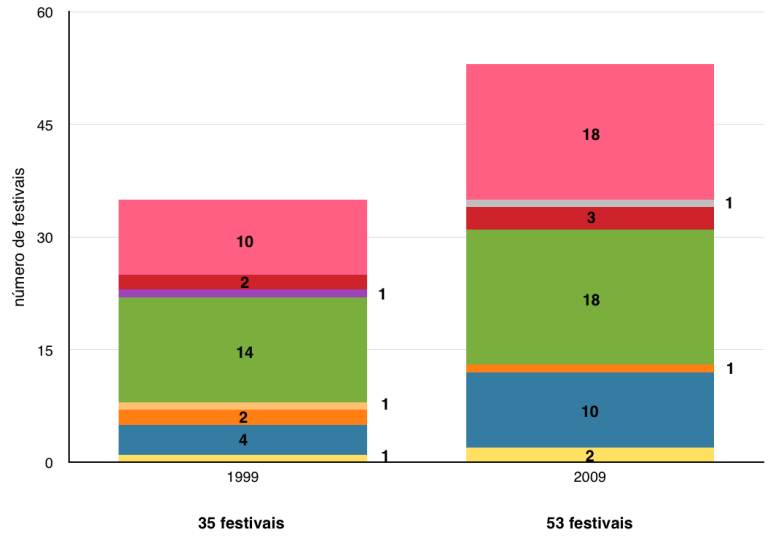


gráfico 08

○ Artes visuais ○ Cinema ○ Dança ○ Literatura ○ Música ○ Performance ○ Teatro
○ outros ○ multi-artes

Evolução das áreas disciplinares dos festivais (1999 a 2009)

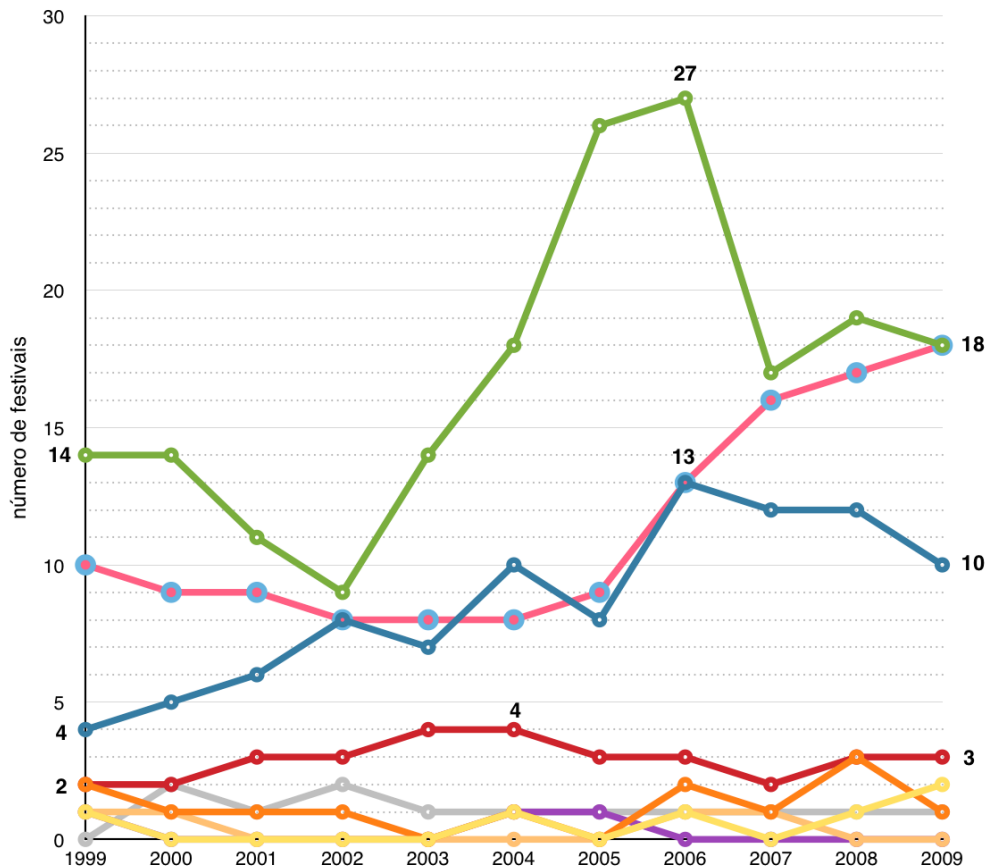


gráfico 09

Para os festivais de **música** observamos uma tendência de crescimento ao longo do período em causa, embora com fortes oscilações no número de edições e com uma estabilização nos últimos três anos analisados. Nos festivais de música registam-se os **valores máximos** absolutos em cada um dos anos analisados, valor só igualado pelos festivais multi-artes no último ano (2009). Ao contrário de outras áreas artísticas, a música decresce no número de edições de festivais entre 1999 e 2002. Mas a partir de 2003 há um forte crescimento do número de edições, atingindo-se um pico nos anos de 2005 e 2006, com 26 e 27 edições respectivamente. Este crescimento é evidente e sem termo comparativo no tocante ao de outras disciplinas artísticas. A expressiva incidência dos festivais de música em 2005 e 2006 é, em grande parte, responsável pelo aumento do número total de edições de festivais de arte nesses dois anos. Isto é, há uma correspondência directa entre o expressivo aumento do número de edições de festivais de música e o forte crescimento do número de festivais de arte de uma forma geral, sobretudo nestes dois anos que se apresentam como singulares no panorama analisado.

Procurámos um enquadramento explicativo para este forte aumento no número de festivais de música, aventando algumas hipóteses, em particular para o grande número de novos festivais de música (11 primeiras edições) em 2005. Nesse mesmo ano, realizava-se em Lisboa a cerimónia de entrega dos MTV Europe Music Awards¹³, o que potenciou a cidade como destino integrante de um circuito internacional de festivais, uma oportunidade para produtores e promotores de eventos musicais alargarem a sua oferta e atraírem públicos. Alguns dos novos festivais de música, com primeira edição em 2005, são precisamente dedicados aos géneros *pop* e *rock*, com extensões ao *indie*.¹⁴ No entanto, alguns dos festivais ocorridos pela primeira vez não estão ligados a este movimento, mas sim a um conjunto de iniciativas diversas¹⁵ na área do jazz, música erudita ou *world music*, que assim contribuíram para o referido crescimento. Face ao aumento do número de edições de festivais com expressões musicais tão diversas, com diferentes modelos de promoção e gestão e para públicos tão heterogéneos, devemos aqui apontar o contexto económico, global e nacional, então favorável ao investimento, o que contribui para explicar a realização de tantos eventos. No ano seguinte, o número de edições de festivais de música fixou-se em 27, máximo absoluto, com alguns dos festivais iniciados em 2005 a promoverem segunda edição nesse ano de 2006 (terminando alguns deles em 2007). Também em 2006 nasceram cinco novos festivais de música, ou seja, 5 festivais com primeiras edições.¹⁶

Em 2007 assistimos ao decréscimo do número de festivais de música, com apenas 17 edições ocorridas, sendo que nesse mesmo ano o número total de festivais desce em praticamente todas as áreas artísticas, ainda que não tão evidentemente como para a música. Em resumo, nos anos de 2005 e 2006, com eleições legislativas e presidenciais, respectivamente, e marcados por um ambiente socioeconómico auspicioso, assistimos a um forte investimento - público e privado - no tocante a programação cultural, expresso no caso de 2005 nas edições de festivais de música e em 2006 para festivais de várias áreas disciplinares incluindo a música. Como vimos, as razões e circunstâncias são diversas, difíceis de detalhar e aferir no seu todo, mas julgamos terem sido aqui afloradas para uma melhor compreensão desta variação excepcional nos anos indicados.

¹³ A 3 de Novembro, 2005 (MTV).

¹⁴ Referimo-nos a eventos como o Festival 24 Horas TMN, Festival Lisbon Soundz, Festival Where is the Love ou Festival Hype Tejo, entre outros.

¹⁵ Destacamos os exemplos do Festival Internacional de Música (Conservatório Nacional de Música), o Festival de Jazz Europeu (Goethe-Institut), o África Festival (EGEAC, no âmbito das Festas de Lisboa) e o Festival Luís de Freitas Branco, este último de edição única, assinalando os 50 anos da morte do músico.

¹⁶ Festival Lisboa Mistura, Festival Dixieland: Happy Jazz 2006, Festival Hip-Hop, Festival Emerge e Festival Rotas, os três últimos associados às Festas de Lisboa (EGEAC).

Os festivais de **cinema** são os que registam maior subida do número de edições, a partir das 4 ocorridas em 1999 para atingir um máximo em 2006, com treze edições, notando-se uma certa quebra nos últimos três anos do período analisado. Apesar dessa quebra, já enunciada também para o total de festivais, o número de edições de festivais de cinema entre 2007 e 2009 corresponde a 12 (2007, 2008) e 10 (2009), francamente superior ao registado nos primeiros anos do arco temporal alargado que analisamos.

Os festivais **multi-artes**, ao contrário dos analisados anteriormente (música e cinema), apresentam uma relativa regularidade no número de edições até 2004/2005, crescendo apenas na segunda metade da década, de modo uniforme e sustentado, sempre a cada ano. Se em 2005 se registam 9 edições, em 2009 é registado o dobro, ou seja, 18 edições.

Nos últimos anos do período em análise, o número de edições de festivais multi-artes aproxima-se do de edições de festivais de música, igualando-o em 2009 e afirmando-se este tipo de festival, que cruza ou abrange várias áreas artísticas, como um dos que mais cresce e que maior número de edições regista. Podemos também acrescentar que esse crescimento é o mais regular, sendo os festivais multi-artes os únicos que não apresentam qualquer decréscimo de número de edições na segunda metade da década, nem mesmo em contexto económico desfavorável.

Para as restantes áreas artísticas, dado o número relativamente reduzido de edições a cada ano, torna-se difícil considerar tendências de evolução, notando-se porém a resistência dos festivais de teatro como o quarto tipo de festival mais frequente, mais ou menos constante no número de edições ano após ano; variações entre anos consecutivos nunca superiores a uma edição.

Como perspectiva complementar à análise anterior, e na linha do estudo realizado para o número total de ocorrências, procurámos observar a relação com o **território** concreto, verificando qual a presença das várias áreas artísticas dos festivais (número total de edições) nas diferentes **freguesias de Lisboa**, a partir do gráfico nº **10** e subsequentes mapas **D** e **E**.

Observamos uma proliferação dos festivais de música e sobretudo dos festivais multi-artes pela maioria das freguesias. Apesar da forte representação de ocorrências de festivais multi-artes em inúmeras freguesias, esta é particularmente expressiva em Santa Maior Maior (63) e em Belém (51). No caso dos festivais de música estes estão muito presentes em Santa Maria Maior (49), seguindo-se as freguesias da Misericórdia (33) e Belém (29), mas também com números dignos de nota noutras freguesias apontadas no mapa E (E-1).

Os festivais de cinema concentram-se maioritariamente em três freguesias específicas: Areeiro (37), Santo António (34) e Alvalade (29), escasseando as ocorrências deste tipo de festival noutras localizações. Essa concentração é explicada pela existência, à data, de importantes salas de projecção de cinema nessas freguesias, nomeadamente o Cinema Londres, o Fórum Roma e os auditórios da Culturgest (Areeiro), o Cinema São Jorge e a Cinemateca Portuguesa (Santo António) e também o Cinema King e o Cinema Quarteto (Alvalade).

Se no caso dos festivais multi-artes e de música as localizações mais frequentes incidem em freguesias de grande centralidade e sempre com uma forte presença de teatros e salas de concertos ou outro tipo de recinto de espectáculo, no caso dos festivais de cinema estes tendem a localizar-se em função da sua especificidade técnica, na freguesia de Santo António ou, mais a norte, Alvalade e Areeiro.

Este tipo de relação entre área artística e equipamentos vocacionados para essa mesma expressão reflecte-se ainda, de modo visível, no caso dos festivais de teatro, com uma forte concentração de ocorrências em três freguesias: Santa Maria Maior, Estrela e Alvalade.¹⁷

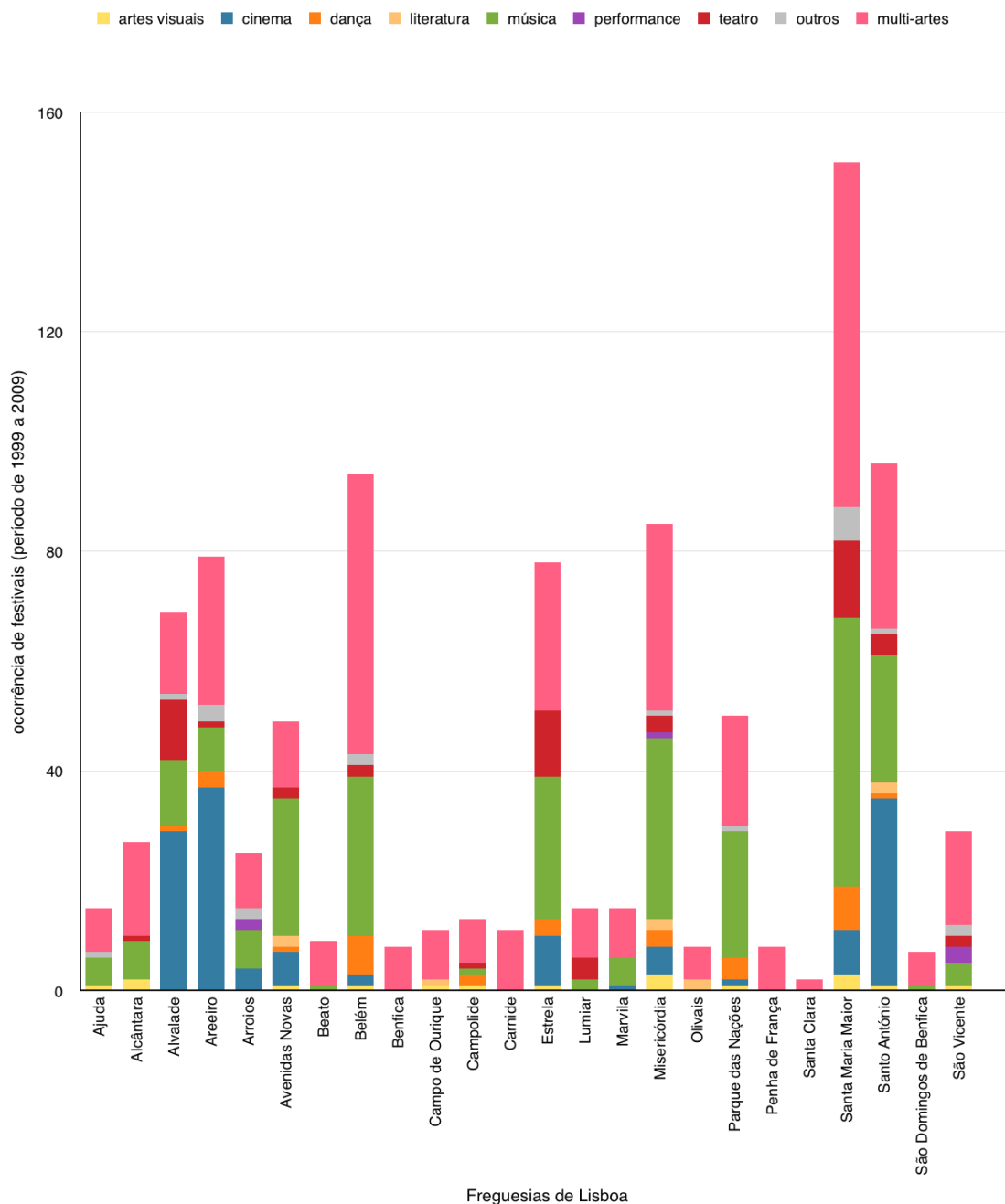
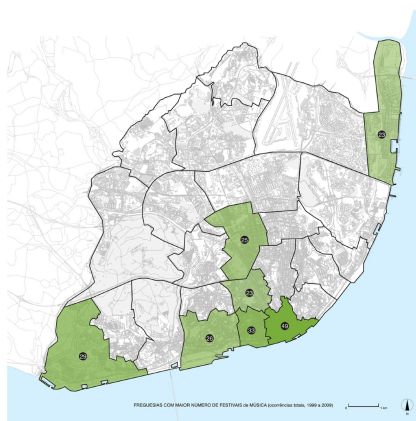
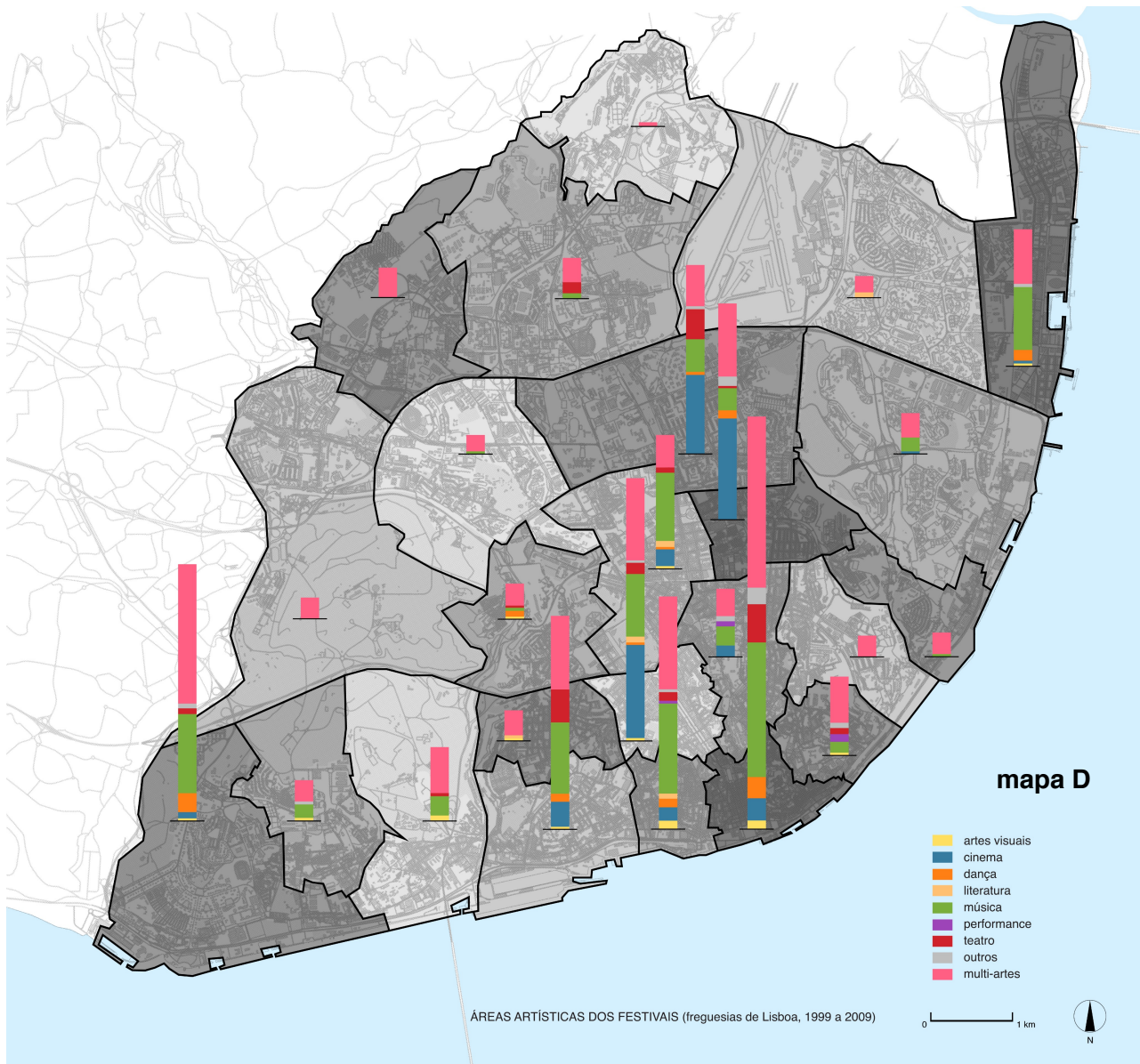
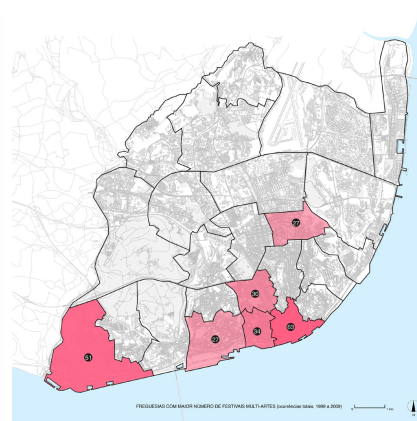


gráfico 10

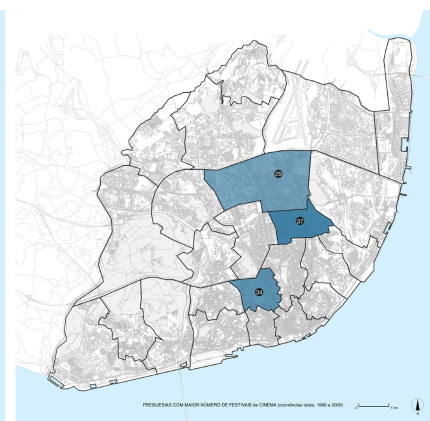
¹⁷ Alguns equipamentos vocacionados para esta expressão artística são, efectivamente, os responsáveis pelo acolhimento da maioria dos eventos que registamos, em particular o Teatro São Luiz e o Teatro Nacional D. Maria II (Santa Maria Maior), a Casa da Comédia e o Museu da Marioneta (Estrela) e o Teatro Maria Matos e, menos regular, a Aula Magna (Alvalade), embora pontualmente alguns festivais de teatro incluam representações em espaços exteriores, públicos ou privados. Significativamente, as restantes edições de festivais de teatro (para além das ocorrências nas três freguesias já mencionadas) dispersam-se por uma pequena parte (apenas oito) das vinte e quatro freguesias da cidade.



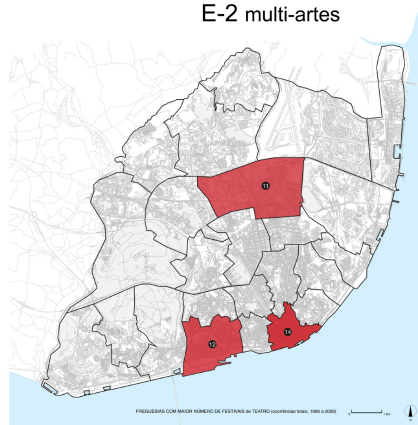
E-1 música



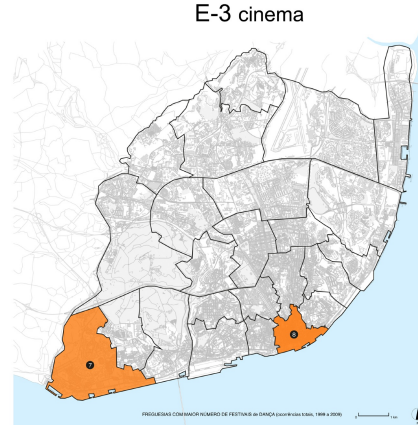
E-2 multi-artes



E-3 cinema



E-4 teatro



E-5 dança

mapa(s) E

Não conseguimos identificar um padrão específico para a distribuição das restantes áreas artísticas por freguesias, também pelo número mais reduzido de edições realizadas.

Sintetizando, podemos identificar nas freguesias de Belém, Misericórdia, Santa Maria Maior e Santo António uma grande concentração das ocorrências de festivais, marcadas aqui por uma forte diversidade e abrangência das áreas artísticas envolvidas. Nas três primeiras predominam os festivais de música e os multi-artes, enquanto na última o cinema ganha maior expressão, com um número de ocorrências acima das restantes.

Estas três áreas disciplinares são as predominantes na globalidade das freguesias, mas as quatro freguesias mencionadas são as que combinam uma maior concentração de ocorrências dessas artes com uma maior diversidade das áreas disciplinares presentes. Ou seja, Belém, Misericórdia, Santa Maria Maior e mesmo Santo António, escapam à tendência de escassa presença, ou mesmo ausência, de várias das disciplinas artísticas na maioria das freguesias, como sejam as artes visuais, a dança ou o teatro.

Em freguesias como Alvalade, Areeiro ou Avenidas Novas não se encontram grandes variações ao longo do período em causa, mas sim uma regularidade que assenta nas reedições de festivais históricos (música e cinema, sobretudo) ou no surgimento de alguns novos festivais (multi-artes), estes últimos em particular a meio da década e que continuam a ocorrer até anos recentes.

No caso de freguesias como Arroios, Estrela e Parque das Nações, que também registam um número significativo de ocorrências, a tendência crescente é clara no caso dos festivais multi-artes, mas não tanto para outras áreas, o que reforça a leitura anterior de um crescimento sólido e sustentado deste perfil de festival.

Nas freguesias que registam baixo número de ocorrências, a presença das áreas artísticas é pouco diversificada e quase inexistente para algumas das expressões. As artes visuais, a dança, a literatura e a performance afiguram-se como áreas artísticas menos privilegiadas pelos festivais de arte, pelo menos no tocante a festivais dedicados maioritariamente ou exclusivamente a cada uma destas expressões, na medida em que alguns festivais multi-artes as incluem, sobretudo a dança ou a performance, como parte da sua génese.

2.4 - Tipo(s) de espaços ocupados

Os espaços ocupados pelos festivais de arte foram parametrizados em fase anterior quanto à sua tipologia (Concha, 2016), com vista a tornar possível uma caracterização dos festivais quanto a esta variável e segundo a categorização:

- festivais em **espaços ao ar livre**;
- festivais em **espaços interiores**;
- festivais mistos, ou seja, aqueles que ocupam **espaços interiores e exteriores**.

O gráfico nº 11 abrange o número total de edições de festivais (477), de 1999 a 2009 e nele podemos notar que os festivais em espaço(s) interior(es), com 58% das edições, predominam largamente sobre os restantes. Cerca de um quarto das edições de festivais (24%) ocorrem de modo misto, abrangendo espaços interiores e exteriores, enquanto que apenas 18% dos festivais decorre ao ar livre.

Quanto a esta última tipologia, e ainda que alguns dos mais emblemáticos festivais de arte da cidade de Lisboa possam decorrer em espaços exteriores (pelo menos parte dos eventos), não podemos deixar de apontar que estes tendem a representar uma pequena parte da totalidade dos

festivais. No vasto universo de ocorrências registradas, muitos eventos requerem necessidades técnicas específicas compatíveis apenas com espaços interiores (i.e. salas de espectáculo ou outros).

Para uma análise da distribuição dos festivais quanto ao tipo de espaço, elaborámos o gráfico nº **12**, comparativo dos dois anos que definem os limites do arco temporal, e que nos mostra uma quase inexistência de variação entre o número de festivais ao ar livre em 1999 (9 edições) e em 2009 (10 edições), apesar do forte crescimento do número total de edições, de 35 para 53. Realidade diferente para o número de edições de festivais que incluem ambos os tipos de espaço, interior e exterior, que aumenta em 2009 em linha com o crescimento global de edições, tal como os festivais que decorrem em espaços interiores, subindo estes de 18 edições em 1999 para 30 em 2009.

Para uma compreensão mais completa da década em causa podemos observar o gráfico nº **13**, com dados para cada ano no intervalo, das edições dos festivais segundo as tipologias de espaço. As linhas referentes aos festivais ao ar livre e aos festivais em espaço interior são quase paralelas e apresentam alguma correspondência nas suas variações ao longo do período, sendo as edições em espaço interior em número consideravelmente superior. Notamos que o aumento de uma tipologia de festival quanto ao espaço ocupado não se reflecte necessariamente na diminuição da outra categoria (exterior v. interior). Pelo contrário, os máximos e mínimos para cada uma destas verificam-se quase nos mesmos anos e correspondem a tendências gerais da evolução do número de edições de festivais,¹⁸ assinalando-se a quase proporcionalidade na variação entre cada uma destas principais tipologias e o número total de edições de festivais.

Ainda assim, e no cômputo geral, podemos observar que os festivais ao ar livre sofrem uma quebra acentuada até 2003, neste ano com apenas 2 edições, para depois recuperarem e crescerem até valores próximos (ligeiramente superiores entre 2006 e 2009) aos do final da década de 90. Assim se explica a aparente estabilidade do número de edições ao ar livre, quando comparamos apenas os limites do arco temporal. Já no caso dos festivais em espaços interiores, a descida nos primeiros anos da década é menos acentuada, mas o crescimento que se segue durante quatro anos consecutivos é igualmente notório ao dos festivais ao ar livre, até 2006, ano em que cada um deles atinge máximos: 13 edições ao ar livre e 34 edições em espaços interiores. Após esse período de expansão, ambos apresentam um decréscimo em linha com a quebra global do número de edições de festivais de arte, de 2007 a 2009.

Podemos observar que estes padrões de evolução temporal, bem patentes nas linhas que o gráfico nos mostra, correspondem em boa parte à evolução do número de edições de festivais de música que, como já verificámos no ponto anterior, constitui a área artística predominante.

Os festivais que abrangem espaços de ambas as tipologias apresentam alguma oscilação de ano para ano, alternadamente, com aumento e decréscimo do número de edições, embora com uma tendência crescente no panorama global da década.

¹⁸ Cf. 2.1 - Número de festivais

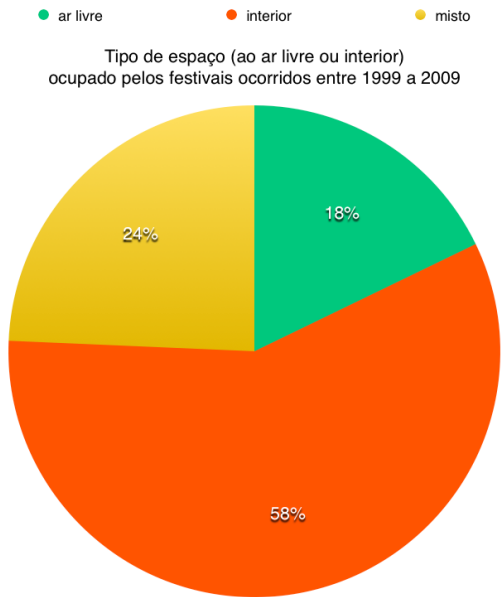


gráfico 11

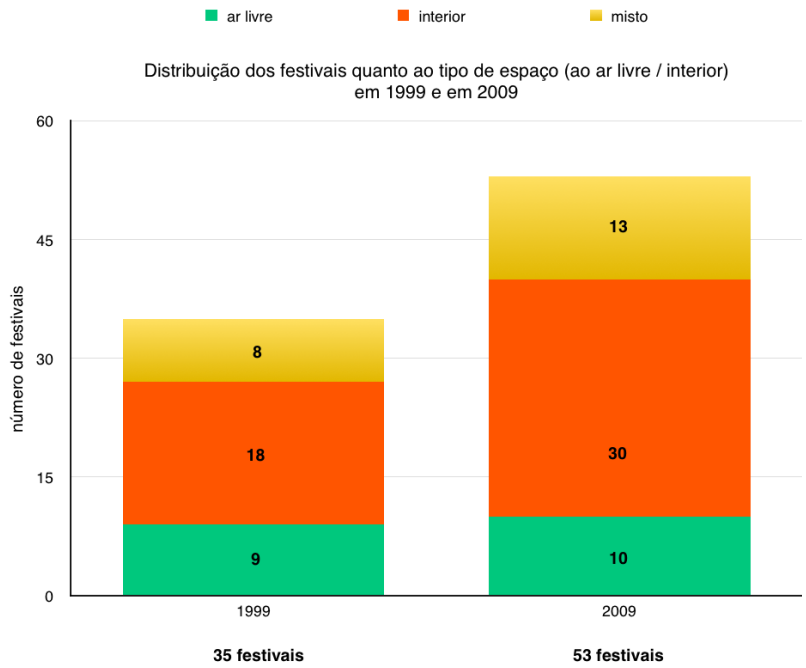


gráfico 12

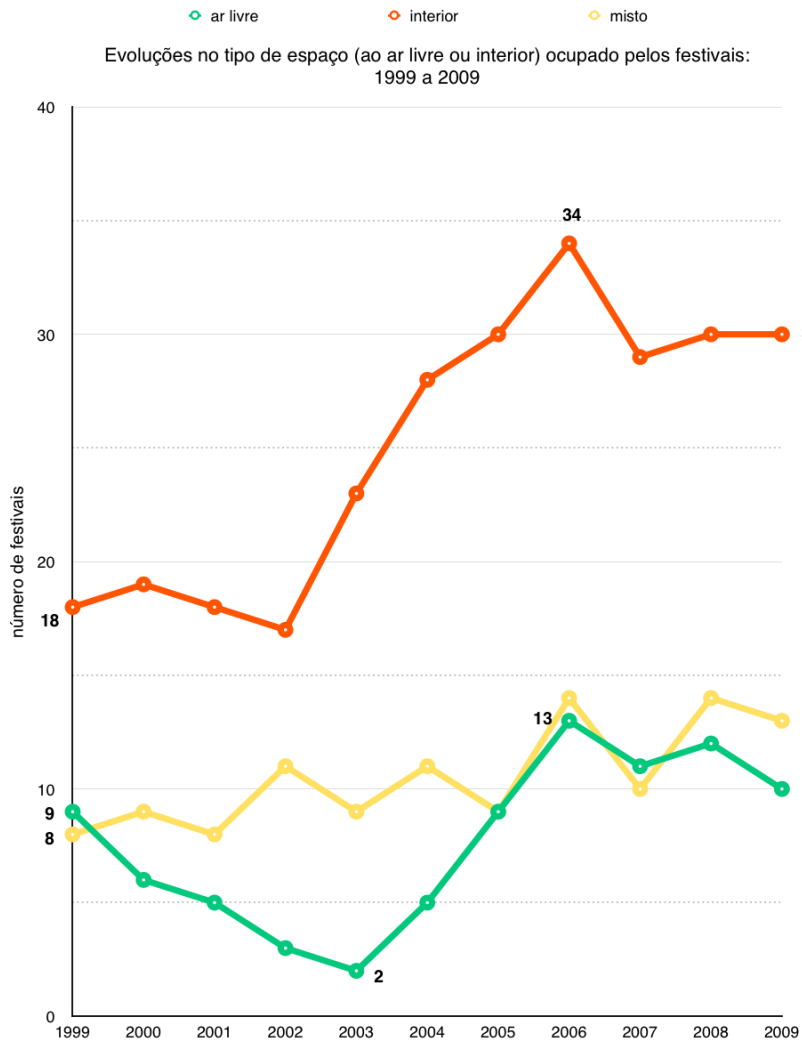


gráfico 13

Com vista a um mapeamento no território concreto, os espaços ocupados foram categorizados quanto à sua vocação primordial, no âmbito de uma relação com as actividades artísticas e culturais. Convém lembrar que esta parametrização, informação posteriormente adicionada à base de dados e efectuada para cada espaço ocupado, nada tem a ver com a parametrização e informação analisada anteriormente, referente aos festivais e sua caracterização quanto à tipologia de espaço.

Nesta fase específica definimos três categorias quanto ao **uso ou vocação dos espaços** (interiores), a par de uma quarta categoria, a dos **espaços ao ar livre**¹⁹. Assim, temos:

- **instituições culturais**, cuja vocação é a criação artística e/ou programação e produção cultural;²⁰

- **instituições e outros espaços** cuja vocação principal não é a criação artística nem a programação/produção cultural, mas que desenvolvem e/ou acolhem alguma programação cultural;²¹

- **espaços não culturais**, com uma vocação comercial, técnica ou outra, mas que pontual ou excepcionalmente acolheram eventos integrados num festival de arte, por isso aqui assinalados.²²

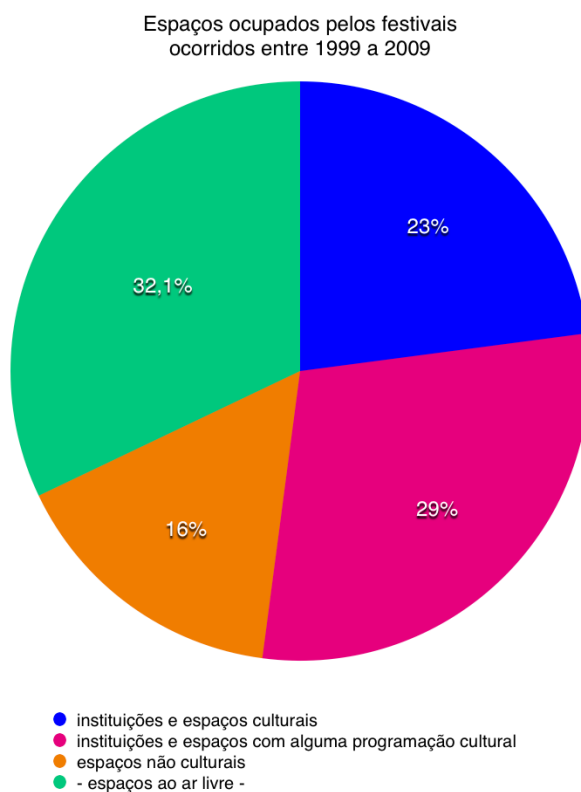


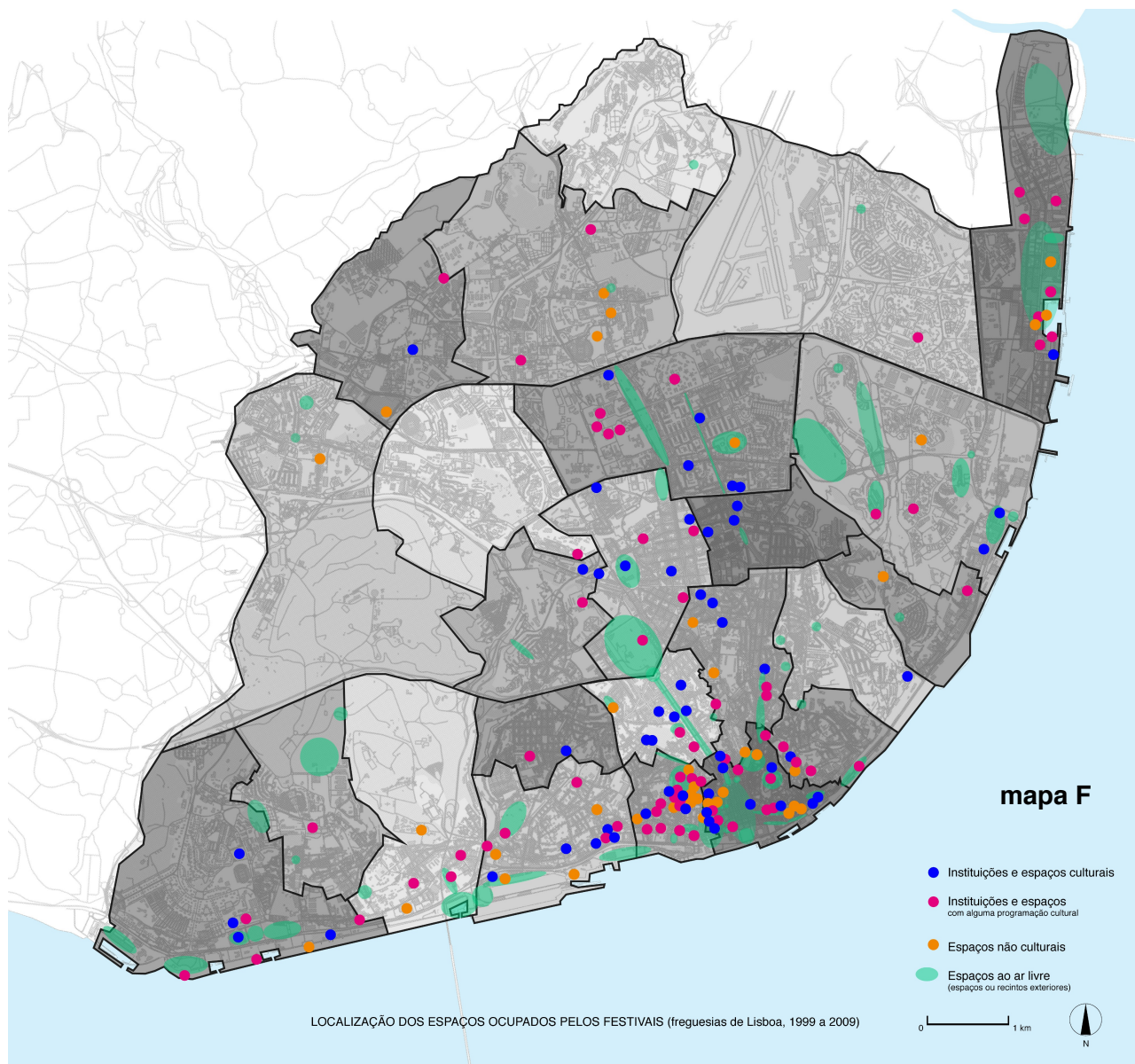
gráfico 14

¹⁹ Os espaços ao ar livre incluem avenidas, ruas, largos, praças, jardins, miradouros, recintos exteriores, entre outros.

²⁰ De que são exemplo o Teatro Nacional D. Maria II, o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado ou o C.E.M. - Centro em Movimento, para referir apenas três instituições com perfis diferentes.

²¹ Esta categoria abrange instituições de ensino ou de investigação, bibliotecas, monumentos, entre outros, de que podemos deixar três exemplos: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos, Pavilhão Carlos Lopes.

²² Aqui se incluem espaços com características e usos muito diversos, como é o caso do Casino Lisboa, da Loja Fnac Colombo ou do Restaurante Adega Mesquita, entre muitos outros por nós identificados.



Para uma análise desta informação realizámos o gráfico nº 14 e um mapa de localização dos espaços na cidade de Lisboa (mapa F) que assinala a que categoria pertencem.

Apesar de o número de festivais de arte que decorreu exclusivamente em espaços ao ar livre ser reduzido, uma parte significativa dos espaços listados e que acolheu eventos corresponde precisamente a espaços desta natureza. São vários os festivais que numa determinada edição ocupam espaços exteriores para além de espaços interiores, assim como os festivais que decorrem em múltiplos espaços exteriores, e não apenas num, facto que cumulativamente explica a significativa percentagem de espaços ao ar livre ocupados por festivais de arte, mais concretamente 32,1%. Ainda assim, as três categorias de espaços interiores somadas continuam a abranger a maioria dos espaços ocupados pelos festivais. Entre estas destacam-se as instituições e espaços que acolhem alguma programação cultural apesar dessa não ser a sua vocação principal, com 29%, logo seguidas das instituições culturais, com 23%, mostrando assim a importância de ambas no acolhimento dos festivais e seus eventos. Deste modo, a realidade dos espaços que acolhem a programação dos festivais mostra-se heterogénea e diversificada, quer na categoria de espaço quer na periodicidade com que acolhem eventos deste género.

Observando o mapa de localização dos espaços na cidade de Lisboa, é evidente uma forte concentração (espaços de todas as categorias aqui empregues) em freguesias do centro da cidade, em particular em Santa Maria Maior e Misericórdia, concentração essa que tende a prolongar-se ao longo da frente ribeirinha e também segundo aquele que foi historicamente um eixo de crescimento da cidade para norte.

Todas as freguesias com frente ribeirinha apresentam espaços ocupados por eventos de festivais, com particular concentração e diversidade quanto à sua categoria nas freguesias centrais já mencionadas. A essas, Santa Maria Maior e Misericórdia, somam-se a freguesia da Estrela, com bastantes espaços ocupados, e as freguesias de Belém e Parque das Nações, dois pólos de expressiva concentração, ainda que menor, correspondendo aos extremos ocidental e oriental da frente de rio. No que diz respeito ao histórico eixo de crescimento da cidade para o seu interior, observamos que as freguesias de Santo António, Arroios, Avenidas Novas, Areeiro e Alvalade parecem estender, a partir do núcleo Santa Maria Maior/Misericórdia, a concentração de espaços, sobretudo de instituições culturais. É efectivamente neste miolo da cidade, desde os Restauradores e Avenida da Liberdade até ao Campo Grande, que a maioria das instituições culturais assinaladas se localizam, a par de outros espaços que também acolhem alguma programação em áreas artísticas.

2.5 - Tipo(s) de acesso

A parametrização quanto ao tipo de acesso ao(s) evento(s) foi efectuada numa dupla perspectiva (Concha, 2016), aqui lembrada.

A primeira diz respeito ao **acesso físico**, caracterizando a existência de eventuais condicionamentos ao espaço, pelo que podemos ter:

- festivais com **acesso livre**;²³
- festivais com **acesso condicionado**;²⁴
- festivais com **acesso misto**, quando uma edição de festival abrange espaços com os dois tipos de acesso anteriores.

A segunda perspectiva classifica o tipo de acesso ao(s) evento(s) quanto à sua **gratuidade**, pelo que registamos:

- festivais com **acesso gratuito**;²⁵
- festivais com **acesso pago**;²⁶
- festivais com **acesso misto**, este no caso de uma edição de festival incluir eventos gratuitos e eventos pagos.

²³ Espaços sem qualquer tipo de condicionamento ou barreira física, como por exemplo um jardim público ou uma praça não vedada.

²⁴ Espaços com acesso limitado, como por exemplo espaços interiores (em edifícios) ou um espaço exterior vedado e com acesso controlado.

²⁵ Acesso sem qualquer tipo de pagamento (ainda que sujeito, ou não, a reserva de entrada).

²⁶ Acesso com bilhete pago, obrigatoriamente.

Para uma caracterização destes aspectos, sustentamo-nos mais uma vez em elementos como gráficos circulares a partir do número total de edições de festivais (477), gráficos comparativos dos anos limite do período em causa e gráficos de pontos/linhas para uma percepção mais clara da evolução temporal. Estas análises são realizadas para ambas as perspetivas definidas: acesso livre v. condicionado e acesso gratuito v. pago.

2.5.1 - Acesso livre ou condicionado

Atendendo à totalidade das edições de festivais de artes entre 1999 e 2009, via gráfico nº **15**, verificamos que a grande maioria se caracteriza pelo acesso condicionado aos eventos, com 73%. Apenas uma pequena parte das edições ocorridas (menos de 10%) corresponde a um acesso livre aos espaços e eventos, ou seja, sem qualquer tipo de controlo ou constrangimento físico, arquitectónico ou outro. Perto de 20% das edições correspondem a uma mistura de espaços com acesso livre e acesso condicionado.²⁷

Comparando os anos de 1999 e 2009, no gráfico nº **16**, percebemos que o número de edições com acesso livre se mantém, crescendo significativamente o número de edições de festivais com acesso condicionado e aumentando ligeiramente o número respeitante a edições com acesso misto. O crescimento verificado para o número global de festivais de arte nesta década parece corresponder directamente a um aumento expressivo do número de festivais com acesso condicionado.

Observando o gráfico nº **17**, onde se regista cada ano em detalhe, verificamos que os festivais de acesso livre descem, quase ano após ano, de 6 edições em 1999 para apenas 1 em 2002 e 2003, crescendo depois timidamente a partir daí, para recuperarem em 2009 os valores de 1999.

Já a evolução dos festivais com acesso condicionado obedece a um padrão mais reconhecível que temos vindo a apontar em várias análises, com um crescimento vigoroso sobretudo após 2003, atingindo máximos em meados da década, neste caso 46 edições em 2006, mais que o dobro registado em cada um dos primeiros quatro anos em estudo. Em 2007 regista-se uma quebra, à semelhança do que sucede globalmente com o número de edições de festivais de arte e particularmente na área da música, com nova descida no ano de 2009 (com 36 edições, ainda assim muito acima dos festivais com acesso livre ou misto).

As edições de festivais com acesso misto, em paralelo com o observado na anterior análise quanto à tipologia de espaços (mistos), não apresenta uma tendência clara, mas sim uma oscilação ao longo do período em causa, com valores relativamente próximos para 1999 e 2009.

São as edições com acesso condicionado, mais ou menos restritivo, que parecem dominar o panorama dos festivais de arte neste período, quer em valores absolutos, por comparação com as edições de acesso livre ou misto, quer pelo forte crescimento verificado na década.

²⁷ Podemos exemplificar esta situação de acesso misto com algumas das edições da Festa da Primavera, no Centro Cultural de Belém, em que concertos nos espaços exteriores adjacentes ao edifício podiam ser fruídos por qualquer pessoa (sem limitação de acesso), mas outras actividades (*workshops*) obrigavam à inscrição - número limitado de participantes - e ao acesso a uma sala no interior do edifício, portanto com acesso condicionado.

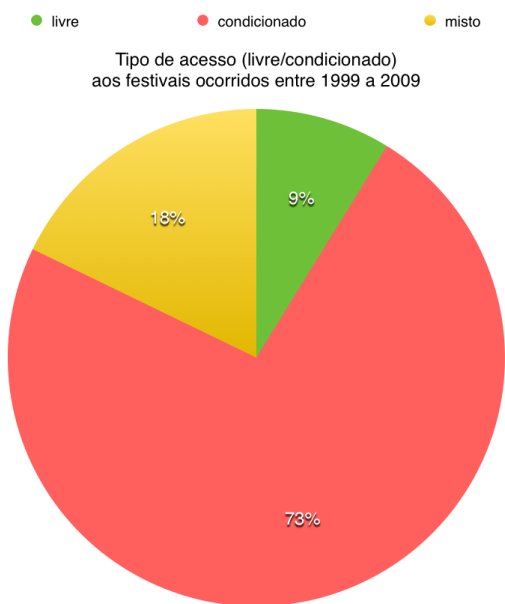


gráfico 15

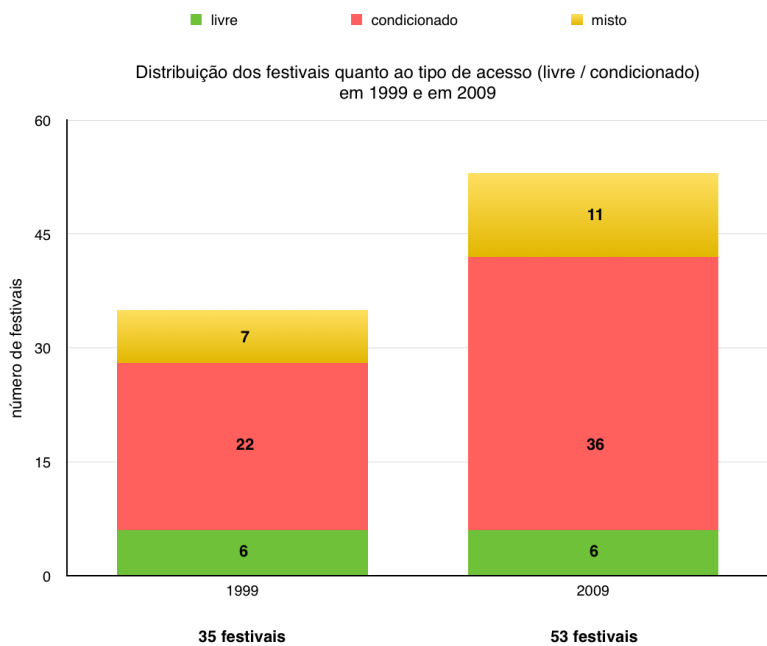


gráfico 16

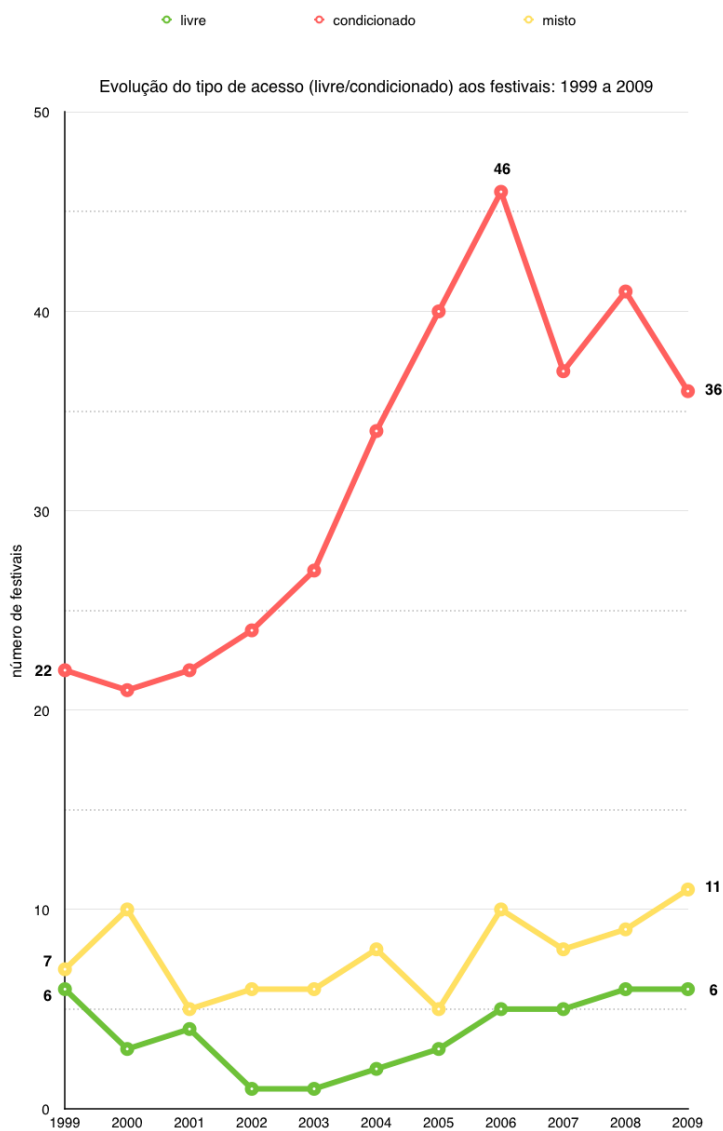


gráfico 17

2.5.2 - Acesso gratuito ou pago

Durante a fase de levantamento não conseguimos obter informação fidedigna sobre este aspecto para a totalidade das edições de festivais de arte ocorridas, com cerca de 28% de edições para as quais não podemos saber que tipo de acesso, gratuito ou pago, permitiam.

Ainda assim, e observando o gráfico nº **18**, constatamos que 34% das edições são de acesso pago, percentagem não muito diferente dos 31% para edições com acesso gratuito. As edições com acesso misto são praticamente residuais nesta análise.

Confrontando estes números para os anos de 1999 e 2009, no gráfico nº **19** notamos que os festivais com acesso gratuito crescem ligeiramente e que os festivais com acesso pago registam um enorme aumento, de 12 edições em 1999 para 30 em 2009, sendo que neste último ano já detemos informação sobre este tipo de acesso para a maioria das edições ocorridas.

Concentremo-nos no gráfico nº **20**, a partir do qual podemos concluir que a evolução temporal das edições com acesso pago é relativamente idêntica à tendência observada para as edições com acesso condicionado, no ponto anterior. Ou seja, assistimos ao seu expressivo aumento ao longo do período em causa, mais evidente a partir de 2003, com um máximo absoluto atingido em 2006 (38 edições com acesso pago) e um máximo relativo em 2008 (37 edições com acesso pago), com quebras evidentes nos anos de 2007 e 2009.

Nos festivais que garantem um acesso gratuito aos eventos regista-se uma variação ao longo do período analisado, sem que se possa estabelecer um padrão claro, com valores entre 6 a 11 edições até 2005, com um aumento em 2006 (17 edições) e descida nos dois anos seguintes. No ano de 2009 as edições com acesso gratuito aumentam ligeiramente, fixando-se nas 15.

Já o número relativo aos festivais com acesso misto é praticamente residual e mantém-se sem grande variação ao longo deste período.

Podemos concluir, acima de tudo, que existe uma correspondência directa entre o forte aumento do número de edições de festivais com acesso pago e o crescimento do número total de edições de festivais ao longo deste período, pois são aqueles que mais sobem em detrimento dos festivais com acesso gratuito.

A relação entre as duas perspectivas - acesso livre v. condicionado e acesso gratuito v. pago - é difícil de estabelecer, por se tratarem de aspectos e parâmetros distintos.

Ainda assim, atendendo à informação qualitativa sobre que festivais em concreto detêm um acesso pago, verificamos que a maioria das edições com acesso condicionado, anteriormente analisadas, correspondem também a um acesso pago, o que permite compreender melhor a semelhança nas tendências de crescimento de ambos os tipos de acesso referidos, com linhas de evolução bastante parecidas. A razão pela qual os números, totais ou a cada ano, de edições com acesso condicionado são superiores aos números para edições com acesso pago, deve-se à existência de edições de festivais que apesar do acesso condicionado oferecem um acesso gratuito. Estas são maioritariamente de iniciativa municipal, como os casos do Festival ao Largo, Festival Internacional de Orgão de Lisboa e Festival Rotas, entre vários exemplos possíveis. Por outro lado, a inexistência de dados quanto ao acesso gratuito/pago para algumas edições de festivais, como já mencionámos, poderá eventualmente acentuar a diferença observada entre os valores para edições com acesso condicionado e edições com acesso pago, estimando-se que algumas das edições sem informação conhecida poderão corresponder a um acesso pago.

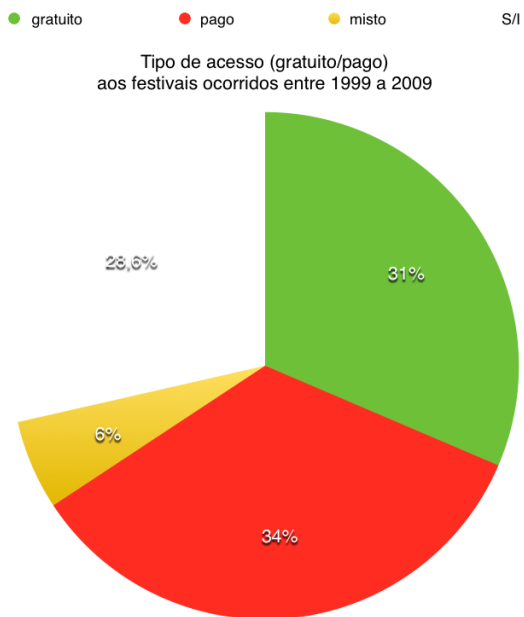


gráfico 18

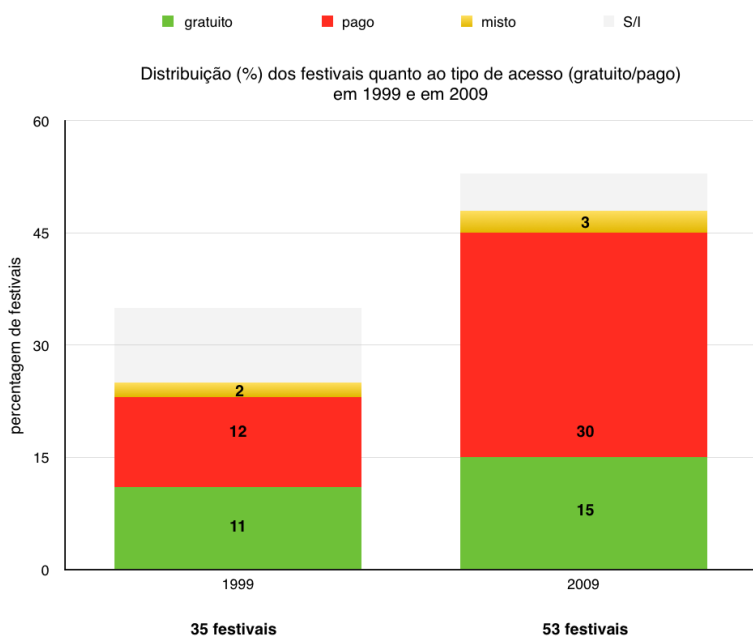


gráfico 19

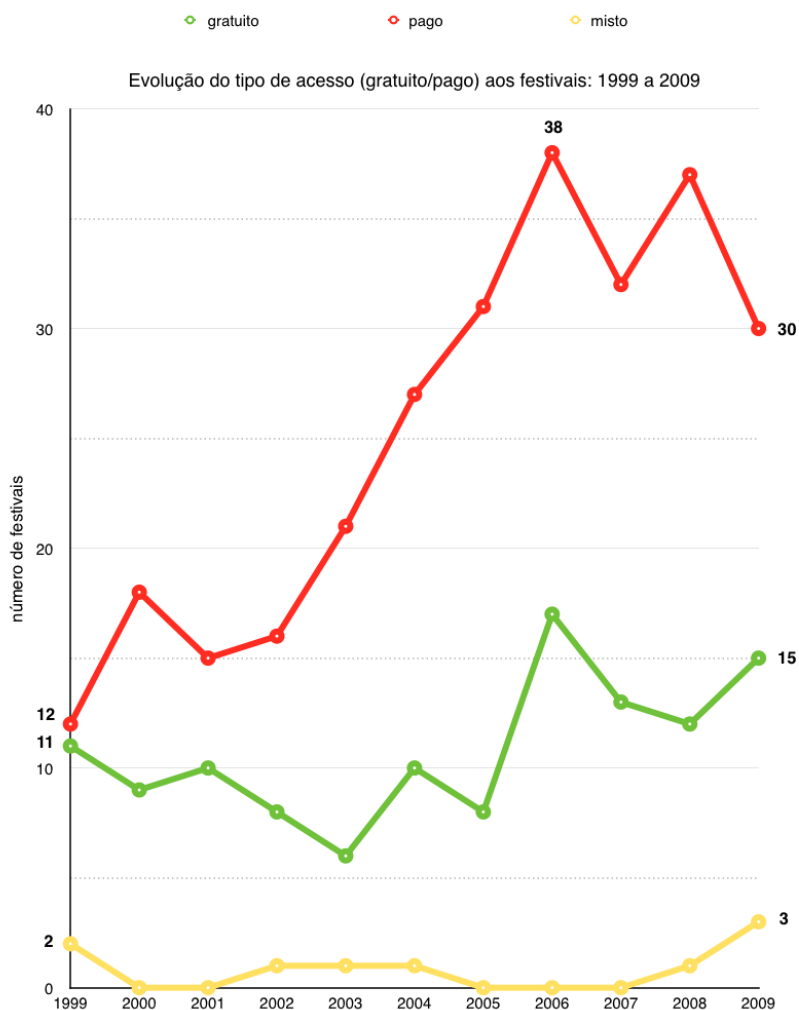


gráfico 20

2.6 - Tipo(s) de participação dos públicos

Para esta caracterização seguimos os três tipos de participação dos públicos nos festivais de arte (Concha, 2016), tal como definidos em fase anterior:

- **público espectador**;
- **público espectador com participação pontual**;
- **público com participação integrada** no processo de criação e/ou programação.

O gráfico nº **21** foi elaborado a partir do número total de edições de festivais no período em análise e nele podemos notar que a maioria dos festivais levantados, mais propriamente 74%, constitui-se como experiência vocacionada para um público espectador, em eventos como concertos, exibição de filmes, exposições de artes visuais, espectáculos de teatro ou de dança, entre outros. Menos de um quarto das edições de festivais (23%) correspondem a uma participação pontual do público, sendo este, no todo ou em parte, incluído em actividades específicas da programação ou paralelas à programação principal, tais como conversas e debates, cursos e *workshops*, visitas e diversos tipos de actividades práticas ou mesmo o envolvimento e interacção pontual em espectáculos. Assinala-se a presença quase residual, com apenas 3%, de edições de festivais de arte que propõem a participação activa dos públicos. A presença diminuta deste tipo de participação pode entender-se pela especial complexidade da integração de públicos e/ou das comunidades, por exemplo em conversas preparatórias para a definição da programação ou na co-criação artística em diferentes fases do processo.

Entre os anos de 1999 e 2009, como é visível no gráfico de barras nº **22**, há variações quanto ao tipo de participação dos públicos, mantendo ambos uma maior percentagem de edições de festivais com público espectador face aos outros tipos, e assistindo-se a um importante aumento do número de edições com público que tem participação pontual nos eventos (em 2009 mais do dobro que em 1999).

No gráfico nº **23**, que reproduz os valores referentes a cada ano deste período, podemos ver outras tendências mais em detalhe.

Uma vez que a maioria dos festivais decorre em edições com público meramente espectador, não é de estranhar que a linha correspondente a este tipo de participação seja aquela que mais se assemelha à evolução temporal dos festivais de arte em vários tópicos que temos vindo a analisar, nomeadamente a evolução temporal do próprio número total de edições de festivais. Assim, assistimos para este tipo de participação a uma reduzida variação até 2003, seguida de um forte crescimento do número de edições até 2006, ano em que se regista o valor máximo (44), com uma subsequente quebra em 2007 e relativa estabilização até 2009, em torno das 35 edições nesses últimos três anos da década.

As edições de festivais com participação pontual dos públicos tendem a descer nos primeiros anos da década, até 2002, para depois crescerem significativamente, ainda que de modo não constante, com valores máximos em 2006 e 2008, respectivamente 15 e 19 edições. Existe aliás uma tendência de aproximação entre o número de edições de festivais com participação pontual e de festivais com público espectador, embora estes últimos prevaleçam com grande vantagem.

Concluimos também que o número de festivais que inclui o público como parte integrante da programação e/ou criação é muito reduzido e quase constante, com uma a duas edições a cada ano.

- público espectador
- público com participação pontual
- público com participação integrada na criação e/ou programação

Tipo de participação do público nos festivais (1999 a 2009)

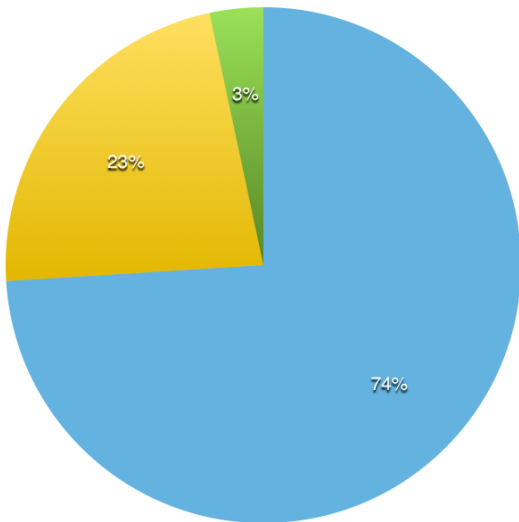


gráfico 21

- público com participação integrada na criação e programação do festival
- público com participação pontual
- público espectador

Tipo de participação do público nos festivais (em 1999 e em 2009)

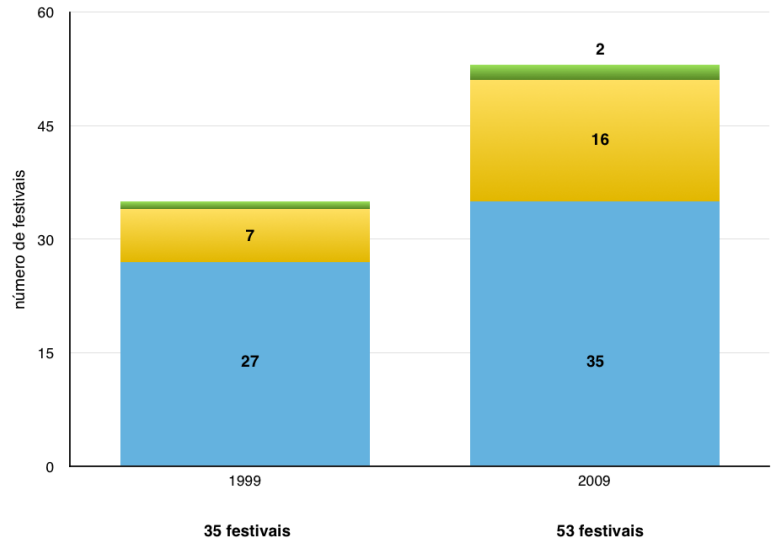


gráfico 22

- público espectador
- público com participação pontual
- público com participação integrada na criação e/ou programação

Evoluções do tipo de participação do público (festivais: 1999 a 2009)

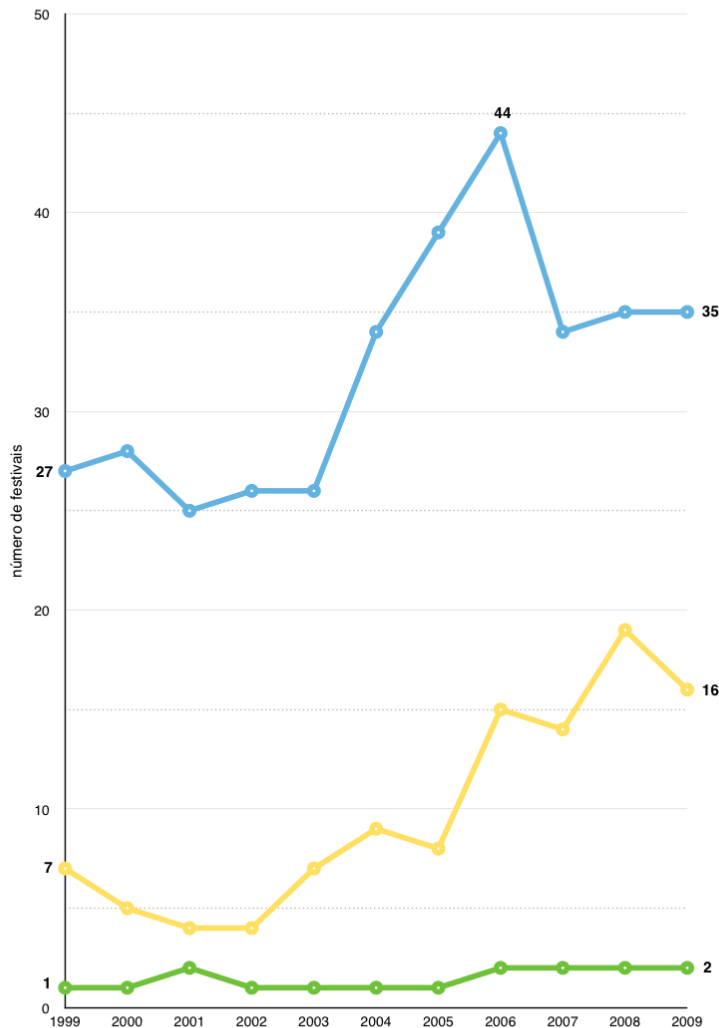


gráfico 23

Convém aqui ressaltar a realização das “Festas de Lisboa”²⁸, iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Lisboa (EGEAC - Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.), que aglomera sob um único nome e organização, um conjunto de iniciativas antes dispersas por várias associações, colectividades, instituições e até grupos informais, promovendo ainda outros eventos criados propositadamente para essa época do ano. Mais expressivamente a partir da década de 90, com o nome e marca “Festas de Lisboa”, esta iniciativa passou não só a incluir arraiais e festas populares, como também eventos informais e formais, concertos e espectáculos de diversas áreas artísticas, num mesmo propósito e estrutura de festivalização, que organiza, apoia e divulga, com uma forte componente de *sponsorização*. Estas características advêm da organização das Festas pela empresa municipal EBAHL (Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa), criada em 1995, que em 1996 passa a ser responsável por esta iniciativa²⁹. A acção da EBAHL, actualmente designada por EGEAC (desde 2003: Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural) é desde logo relevante no período que temos vindo a analisar, pelo que após a Expo’98 (note-se que em 1998 as Festas de Lisboa reduziram actividades e locais ocupados, em face da exposição mundial) passam a existir inúmeros parceiros institucionais, empresas privadas e *media partners*. De um modo geral, as estratégias desenvolvidas no tocante à animação cultural, consolidadas especialmente a partir de 2003, colocam esta empresa municipal num lugar particularmente destacado no âmbito da programação cultural em espaços públicos³⁰, não restrito apenas às Festas de Lisboa. Mas sobre esta iniciativa singular, desenvolveu-se assim, e em momentos diversos, uma noção de festival - conjunto de eventos culturais e artísticos sob um nome e propósito concretos, ocupando temporariamente um conjunto de espaços - a que o próprio nome já aludia (‘Festas’), e que em 1999 passa a incluir na sua extensa programação a realização de festivais de arte específicos, em alguns casos já existentes e tornados parte das Festas ou, pelo contrário, pensados de raiz para este ‘mega-festival’ multi-artes, do qual é indissociável a participação activa dos públicos e das comunidades em diversas fases. A própria criação da imagem das Festas de Lisboa é exemplo mais recente (de 2011 em diante) - ainda que de forma mais colateral - dessa participação aberta a todos, mediante a realização de um concurso de ilustração que tem por base a figura de uma ‘sardinha’, elemento visual recorrente na estratégia de design³¹ das Festas desde 2003.

²⁸ A designação Festas de Lisboa tem por referência a anterior designação Festas da Cidade, sendo esta uma criação fundada no Estado Novo, em torno de datas do calendário religioso associadas aos chamados Santos Populares (Santo António, no caso de Lisboa, embora noutras cidades do país sejam celebrados São Pedro ou São João), e a pretexto das quais se instituíram um conjunto de práticas e manifestações culturais, de pendor marcadamente ideológico, mesmo que influenciadas por tradições pré-existentes. Porém, após a revolução democrática, essas mesmas festas continuaram a decorrer e foram conjugando, ainda sob a égide municipal, um conjunto de eventos diversificados.

²⁹ Podemos ler no sítio online da EGEAC, antiga EBAHL, que em 1996, “reconhecendo que as Festas de Lisboa tinham as suas raízes culturais e programáticas nos bairros históricos, ‘e que o carácter efémero destas manifestações deveria deixar raízes para o futuro’ [a sua organização] passou a ser uma responsabilidade da EBAHL”; <https://egeac.pt/egeac/historia/>

³⁰ Ainda a EGEAC: “A actividade da empresa prolongou-se dos bairros históricos para uma escala maior – a da Cidade – e novos espaços culturais se lhe juntaram: os Teatros São Luiz e Maria Matos, o Cinema São Jorge, o Fórum Lisboa (antigo Cinema Roma) e o Padrão dos Descobrimentos (2003), a Casa Fernando Pessoa (2012), o Atelier–Museu Júlio Pomar e as Galerias Municipais (2014), os diferentes núcleos do Museu de Lisboa, o Museu Bordalo Pinheiro e o Museu do Aljube (2016). (...) Paralelamente, temos vindo a aprofundar e a diversificar a realização de actividades em espaço público ao longo de todo o ano.” (*ibidem*)

³¹ Gabinete Silvedesigners.

A par das Festas de Lisboa, os restantes exemplos de participação activa das comunidades em edições de festivais estudados resumem-se ao Lisboa Capital do Nada - Marvila, 2001 (de referir o “Sinais, a cidade habitada”, não um festival, mas um conjunto de estudos e intervenções também levados a cabo pelo colectivo Extramuros, que promoveu o Lisboa Capital do Nada) ou ao Festival Urbano Pedras D’Água. O caso do TODOS - Caminhada de Culturas, iniciado em 2009, afigura-se de maior ambiguidade quanto ao tipo de participação dos públicos, pois em algumas das edições podemos considerar essa activação mais notória (participação integrada em diversas fases de programação e criação) ao passo que noutras podemos considerá-la uma participação mais pontual, ainda assim significativa no entendimento de problemáticas sensíveis aos grupos e comunidades que vivem ou trabalham nas zonas ocupadas pelo festival.

2.7 - Preocupação com problemáticas urbanas

No tocante à abordagem de temáticas urbanas por parte dos festivais de arte no período em causa, registámos 58 edições que se propõe a tal, correspondentes a 14 festivais diferentes.³²

Através da análise do gráfico nº **24**, no qual reunimos a informação relativa à totalidade das edições, podemos concluir que uma minoria de 12% procura abordar temáticas directamente ligadas ao espaço urbano e território da cidade de Lisboa. Estas problemáticas são explicitadas pelas respectivas organizações nos seus objectivos para a realização do festival e/ou são abordadas nos eventos e suas temáticas concretas. No caso de alguns dos festivais, tal não significa que todos os eventos que compõem a sua programação abordem essas temáticas (Festival dos Oceanos e Festival Arte Mais, por exemplo), ao passo que outros festivais procuram, no seu todo e a partir de um conceito global, reflectir e suscitar o debate sobre essas questões ou mesmo intervir sobre o território (Lisboa Capital do Nada - Marvila 2001 e Festival TODOS - Caminhada de Culturas).

Alguns dos grandes temas mais frequentemente mencionados relacionam-se com a multiculturalidade e a interculturalidade, o património arquitectónico e urbanístico, a renovação e a regeneração urbana.

Comparando esta realidade nos anos de 1999 e 2009, no gráfico nº **25**, percebemos que, e em linha com aumento global do número de edições de festivais de arte, sobem quer o número de edições que procuram abordar problemáticas urbanas quer o número de edições sem esse interesse específico. Proporcionalmente, são os festivais que demonstram uma preocupação com as temáticas da cidade que registam a maior subida, de 4 edições em 1999 para 9 edições em 2009.

Quando observamos o gráfico nº **26**, com dados para cada ano, um dos aspectos mais salientes é o crescimento do número de edições de festivais abordando temáticas como as que já referimos. Pese embora estes festivais serem minoritários face aos restantes, e com número relativamente reduzido de edições, estes apresentam uma tendência de crescimento logo após o ano de 2003. Nesse ano e no anterior registaram-se mínimos absolutos de 3 edições com este tipo de orientação temática, observando-se valores próximos das 10 edições no final da década (9

³² Bicycle Film Festival, Lisboa Capital do Nada - Marvila 2001, Lugar à Dança - Festival Internacional de Dança em Paisagens Urbanas, LuzBoa - Bienal Internacional da Luz, Festa no Chiado, Festas de Lisboa, Festival Arte Mais, Festival Imigrarte, Festival Lisbon Safari - Urban Art Experience, Festival Mediterrâneo, Festival dos Oceanos, Festival Rota dos Monumentos, Festival Urbano Pedras d’Água, Festival TODOS - Caminhada de Culturas.

edições em 2009). Atentando na linha correspondente aos festivais que não seguem esta orientação temática, de resto a maioria das edições, notamos que o seu padrão de evolução é relativamente similar ao do número total de edições de festivais de arte ocorridos.³³ Do mesmo modo, observa-se um crescimento em boa parte da década, com 2006 e 2008 a registarem valores máximos de edições.

Deste modo, parece-nos importante ressaltar a crescente atenção neste período por parte de promotores e programadores de festivais de arte a questões relacionadas com o território urbano concreto e suas realidades, nomeadamente identidades locais e específicas, seja na perspectiva do espaço enquanto categoria física, seja numa perspectiva imaterial, esta indissociável das comunidades que residem nas áreas temporariamente ocupadas pelos eventos.

● SIM ● NÃO
Existência de preocupações por parte dos festivais quanto a problemáticas urbanas (1999 a 2009)

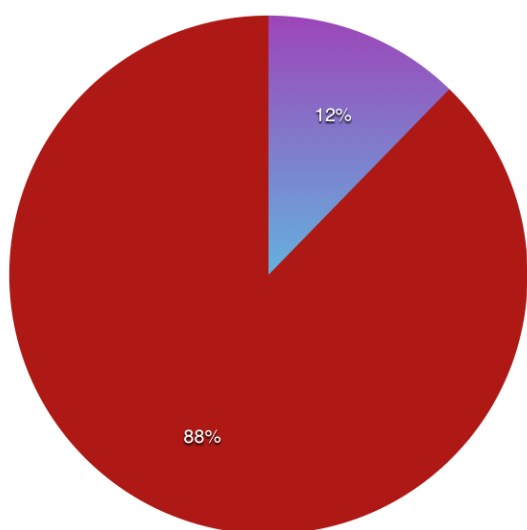
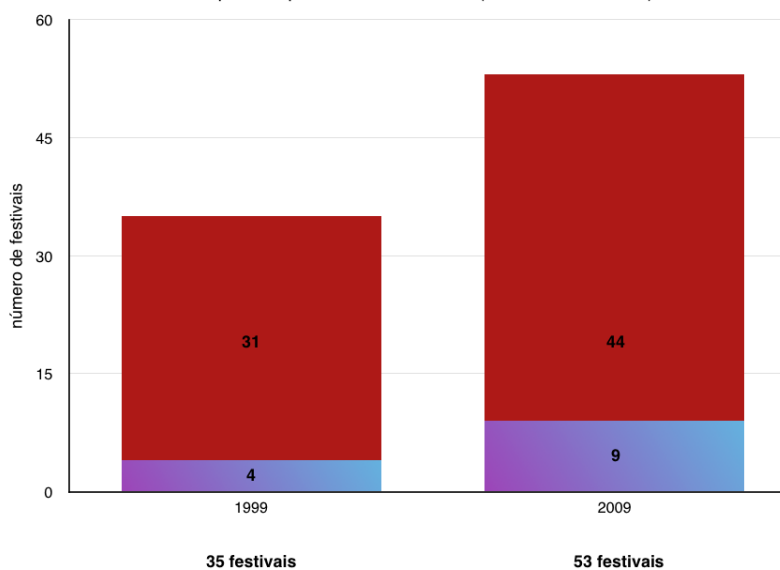


gráfico 24

gráfico 25

■ SIM ■ NÃO
Existência de preocupações por parte dos festivais quanto a problemáticas urbanas (em 1999 e em 2009)



³³ Padrão de evolução próximo também do de algumas categorias que temos vindo a caracterizar, nomeadamente quanto aos tipos de acesso - condicionado e pago -, facto observável nas variações registadas e linhas dos respectivos gráficos.

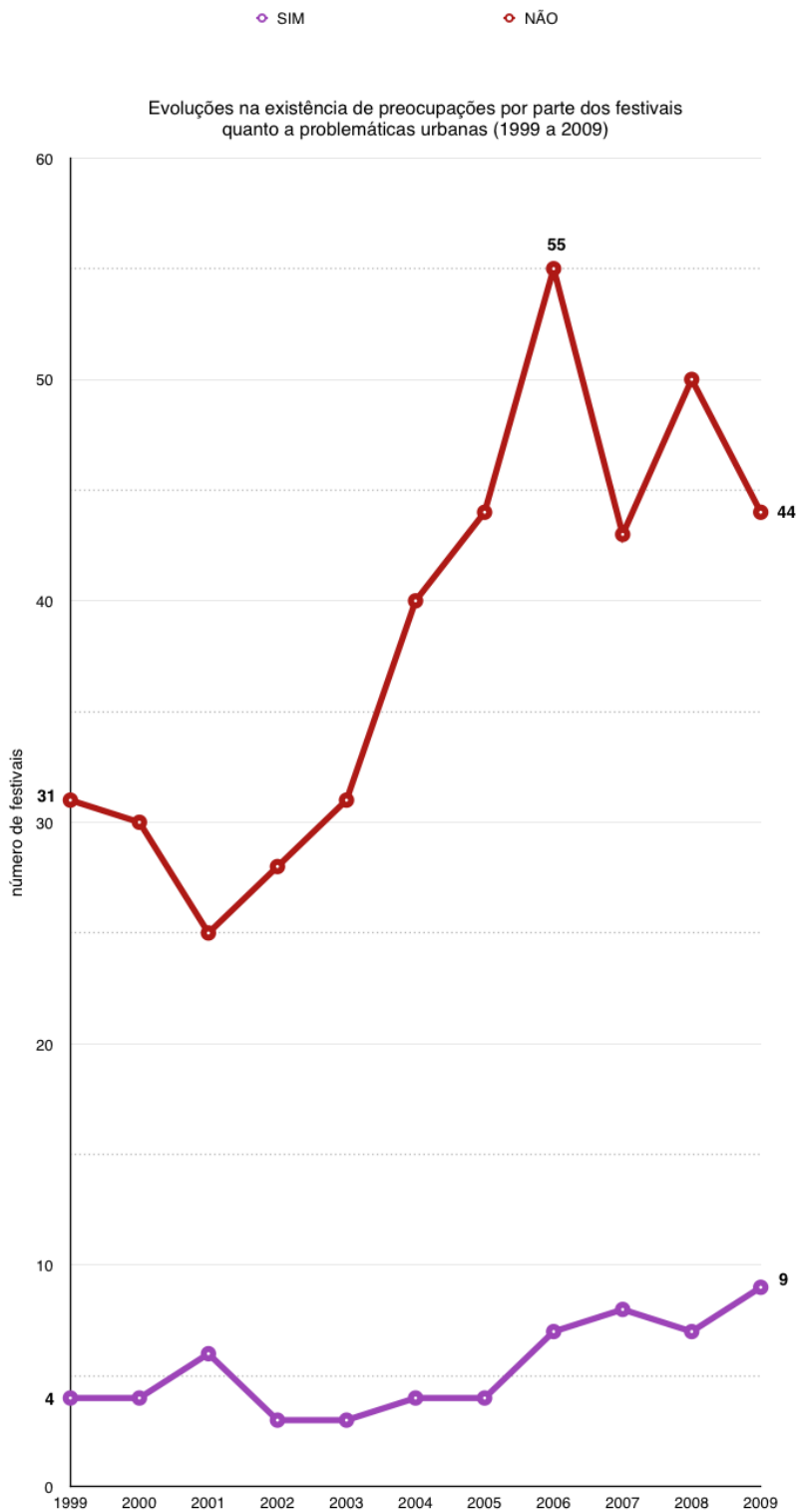


gráfico 26

Entendemos relevante identificar cada uma das edições enquadradas no âmbito desta temática e mapear esta distribuição, sinalizando as freguesias correspondentes aos espaços ocupados. Deste modo, o mapa G soma e localiza as várias edições de festivais que abordam ou integram algum tipo de problemática urbana, permitindo concluir quais as freguesias com maior ou menor incidência.

Esta incidência temática dos festivais de arte em freguesias do centro da cidade, por excelência a freguesia de Santa Maria Maior (37 edições), mas também a da Misericórdia (14 edições), a par de dois pólos nos extremos ocidental (Belém, com 16 edições) e oriental (Parque das Nações, com 11 edições), é algo que reflecte a própria distribuição geográfica no tocante à globalidade dos festivais³⁵ e à localização dos espaços ocupados.³⁶

Assim, grosso modo, e num princípio de quase proporcionalidade, nas freguesias em que ocorreu maior número de festivais temos também maior presença de festivais interessados nas temáticas urbanas. Não podemos localizar focos especiais de interesse por essas temáticas ou zonas que, escapando à distribuição geral dos festivais pela cidade, se constituam como pólos privilegiados, mas apenas reconhecer que vários festivais, em diversas edições, se permitiram trabalhar questões ligadas ao contexto urbano dos espaços ocupados. E entre estes, predominam como temas a preocupação com os centros históricos - reabilitação, ocupação e identidade(s) - tal como o interesse pela frente de rio - tipos de ocupação e funcionalização -, o que também contribui para explicar o número mais elevado de edições destes festivais em freguesias como Belém, Alcântara, Misericórdia e Santa Maria Maior. As freguesias mais a norte na malha urbana, por serem zonas de rarefacção quanto aos festivais de arte e seus eventos no período em análise, tornam-se por essa via quase excluídas deste mapa específico.

3. Conclusão

Através da caracterização alargada dos festivais de arte na cidade de Lisboa, para os anos compreendidos entre 1999 e 2009, podemos concluir acerca da complexidade deste fenómeno e de uma singular heterogeneidade verificada nas edições de festivais, diversidade essa que se manifesta para inúmeras categorias de análise e também nas relações que entre estas podemos estabelecer.

Uma tendência clara é a do crescimento do número de festivais, dominante em boa parte do período em causa, e para a maioria das áreas artísticas envolvidas.

O ano de 1999, relativamente ao ano anterior, assume desde logo uma importante viragem no tocante a este fenómeno, marcado por um assinalável aumento do número de edições, o que se explica parcialmente como reflexo da Exposição Mundial de Lisboa, momento de forte incremento na programação e produção cultural, com repercussão na afluência turística.

A evolução temporal do número de edições de festivais de arte demonstra uma relação inequívoca com o contexto socioeconómico nos diferentes anos, registando-se valores máximos em 2006 e um abrandamento no final da década, decrescendo então o número de novas edições e o número total de edições de festivais (mais evidente em 2009 e 2010).

Não deveremos estranhar uma proximidade entre as linhas de evolução do número total de edições e do número de edições de festivais de música, uma vez que esta área disciplinar é a predominante no panorama exposto, com larga vantagem sobre as outras artes. No entanto, os festivais multi-artes constituem um caso particularmente interessante, na medida em que parecem escapar a flutuações registadas noutras áreas artísticas, demonstrando o mais sólido crescimento no tocante a número de edições e igualando quantitativamente a área da música no final deste arco temporal.

³⁵ Cf. 2.2 - Distribuição geográfica.

³⁶ Cf. 2.4 - Tipo(s) de espaços ocupados.

Procurando uma visão transversal a este período e a todas as categorias analisadas, podemos sublinhar que a tendência de crescimento do número de edições acontece por via dos seguintes tipos de festivais:

- festivais de música e de cinema;
- festivais multi-artes, com um crescimento sustentado e afirmando-se como a tipologia de festival predominante quanto à área artística em 2009, a par da música;
- festivais com acesso condicionado, predominando sobre os festivais com acesso livre;
- festivais com acesso pago, predominando largamente sobre os festivais com acesso gratuito;
- festivais realizados em espaços interiores, embora também os festivais realizados em espaços ao ar livre registem valores e crescimento importantes;
- festivais realizados em freguesias do centro histórico da cidade, nomeadamente em Santa Maria Maior e Santo António;
- festivais interessados em abordar problemáticas urbanas, numa relação com a vida na cidade, suas comunidades e identidades.

Os critérios dominantes quanto à distribuição no território urbano deste tipo de iniciativa cultural parecem corresponder à centralidade e identidade próprias de áreas históricas e à localização de equipamentos colectivos e infra-estruturas específicos, bem como de espaços públicos qualificados que permitam acolher os eventos. As freguesias com frente ribeirinha localizadas no centro histórico da cidade (Santa Maria Maior e Misericórdia, entre outras) detêm maior capacidade de atrair festivais de arte, tal como as freguesias de Belém e Parque das Nações, correspondentes a áreas ribeirinhas nos limites ocidental e oriental da cidade, zonas qualificadas em contextos particulares já mencionados. Um dos históricos eixos de crescimento da cidade para o seu interior, desde os limites da baixa Pombalina até ao Campo Grande, equivale também a uma forte concentração de espaços ocupados por festivais, nomeadamente nas actuais freguesias de Santo António/Arroios, Avenidas Novas e Areeiro/Alvalade. Torna-se notória a escassa presença de eventos deste tipo em determinadas áreas e freguesias da cidade, em particular nas localizadas mais a norte e/ou nos limites do concelho.

Em suma, ressaltamos um padrão específico de distribuição dos festivais na cidade ligado à morfologia urbana e seu desenvolvimento histórico, tal como à localização de equipamentos e infra-estruturas. Estas formas de distribuição no território urbano, ao contrário de outras categorias e características dos festivais que aqui analisámos, não sofrem transformações relevantes ao longo do período estudado, facto a relevar.

Reafirmamos ainda o papel estruturante das instituições culturais e respectivos espaços, de natureza pública ou privada, na programação ou acolhimento de festivais de arte, a par de outras instituições (ensino, investigação) cuja vocação principal não passa pela criação ou produção artística, mas que se revelam determinantes para este mapeamento dos festivais na cidade de Lisboa.

São várias as tendências descritas que nos levam a considerar o período analisado como particularmente significativo para o entendimento deste fenómeno, arco temporal esse em que se registam mudanças de paradigma no tocante à realização dos festivais de arte e à própria programação cultural no contexto urbano. Para além do expressivo aumento global do número de edições de festivais, ilustram bem essa mudança quer o crescimento dos festivais multi-artes quer o de festivais com interesse por temáticas urbanas, sobretudo nos últimos anos do período caracterizado, alguns procurando reflectir e/ou intervir de acordo sobre territórios concretos. A atenção particular a problemáticas como o multiculturalismo, a(s) identidade(s) urbana(s), o património edificado e a herança cultural, entre outros, confirmam ao mesmo tempo o festival

como fenómeno que, visto pelos próprios promotores e curadores, afecta e altera potencialmente a vida da cidade, com impactos específicos e que não se reduzem à programação cultural e sua mera fruição.

Podemos inclusive afirmar que se verifica uma recomposição do panorama dos festivais de arte no final do período analisado, não apenas pelas mudanças já descritas, mas também mediante uma análise mais qualitativa quanto ao perfil dos festivais e das novas edições realizadas. Em 2009 registamos a criação do Festival Todos - Caminhada de Culturas e de outras iniciativas municipais - GAU-Galeria de Arte Urbana e o programa Lisboa na Rua, como exemplos importantes - que parecem constituir um sinal de investimento focado na área da programação cultural abrangendo as temáticas referidas anteriormente. O programa de animação urbana Lisboa na Rua, de iniciativa municipal (EGEAC), parece confirmar 2009 como um ano significativo para a criação e divulgação cultural, até pelos objectivos expressos, referindo-se a intenção programática em recorrer “à cidade enquanto matéria criativa” e concretizando-o através da realização de ciclos, mostras e também festivais de arte.³⁷ Também as Festas de Lisboa inauguram novos festivais neste último ano da década, o Festival ao Largo e o Festival Silêncio, iniciativas públicas e de acesso gratuito. Por outro lado, e ainda que, sobretudo na área da música e do cinema, tenhamos assistido no período analisado a um crescimento do número de festivais com acesso pago, associados a uma lógica comercial de investimento e retorno, os anos de 2007 e 2009 registam uma quebra evidente no número de edições de festivais que se remetem a essa lógica. Todos estes sinais, alguns deles porventura contraditórios, apontam para uma recomposição do panorama no tocante aos festivais de arte, num contexto global e nacional de início de uma profunda crise económica.

Em suma, as análises apresentadas confirmam o pós-Expo'98 como um período extremamente significativo para a compreensão da realidade dos festivais de arte e do próprio fenómeno de festivalização da cultura (Bennett *et al.*, 2014) no contexto nacional, período este marcado pela articulação entre ciclos socioeconómicos diferentes, bem determinados, e com expressão evidente ao nível da programação cultural.

Consideramos que os resultados e sínteses deste trabalho de caracterização, inédito até à data desta publicação, contribuem para uma perspectiva mais informada sobre o panorama dos festivais de arte e sua ocupação de espaços em Lisboa, no contexto da programação cultural da cidade, e que, como já referimos, detém implicações relevantes no âmbito do planeamento e gestão urbana.

Além do mais, esta fase de caracterização confirma-se como determinante para a definição de uma grelha de critérios com vista à selecção de casos de estudo aprofundado, representativos da realidade analisada, no âmbito da dissertação *Da revitalização urbana na Lisboa pós-Expo'98: os festivais de arte(s) no espaço público*, a apresentar oportunamente.

³⁷ O programa Lisboa na Rua, iniciado em 2009, agrega vários tipos de eventos, incluindo festivais de arte como o Outjazz e o Lugar à Dança nesse ano. Este último festival nasceu no contexto da Expo'98, com edições posteriores na década de 2000, regressando em 2009 por mão do referido programa de animação urbana, após um período de interregno. O Lisboa na Rua, afirmando o propósito da “criação de um vínculo com a própria cidade”, integra e apoia festivais de arte (novos ou existentes) entre outros eventos.

Referências bibliográficas

AA.VV., 1999 - 2004. *Agenda Cultural de Lisboa*. Lisboa: Divisão de Programação e Divulgação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, vols. 98 a 166.

AA.VV., 2007 - 2010. *Agenda Cultural de Lisboa*. Lisboa: Divisão de Programação e Divulgação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, vols. 199 a 235.

AA.VV., 2004 - 2007. *Agenda Lx*. Lisboa: Divisão de Programação e Divulgação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, vols. 167 a 198.

AZEVEDO, M., e R. BRAMÃO, 2015. *Festivais de Música em Portugal*. Lisboa: Chiado Editora.

BENNET, A., J. TAYLOR, e I. WOODWARD, eds. 2014. *The Festivalization of Culture*. London: Routledge.

CONCHA, J., 2016. Festivais de Arte(s) na Lisboa Pós-Expo'98: uma aproximação metodológica. Em: *Territórios Metropolitanos Contemporâneos: Seminários Temáticos - Programa de Doutoramento*. Lisboa: Dinâmia'Cet-IUL, pp. 19-27.

FOUCCROULLE, B., 2009. Foreword: At the Heart of European identities. Em: *The Europe of Festivals: From Zagreb to Edinburgh, intersecting viewpoints*. Toulouse: Anne-Marie Autissier.

GUERRA, P., 2016. Lembranças do último Verão. Festivais de música, ritualizações e identidades na contemporaneidade portuguesa. Em: *Portugal ao Espelho*. [S.I.]: Universidade do Porto e Fundação Calouste Gulbenkian.

HOLTON, K. D., 2003. Capítulo 7: Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura. Em: CASTELO-BRANCO, S. E.-S. e J. F. BRANCO, orgs. *Vozes do Povo, a Folclorização em Portugal*. Etnográfica Press. pp. 171-187.

SANTOS, M. L. L., e A. F. COSTA, 1999. Conclusão: o acontecimento único e a dinâmica do excepcional. Em: SANTOS, M. L. L., e A. F. COSTA, eds. *Impactos Culturais da Expo'98*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. pp. 263-267.

Sítios electrónicos consultados

www.agendalx.pt

www.apordoc.org

www.aporfest.pt

www.cm-lisboa.pt/municipio/juntas-de-freguesia

www.egeac.pt

www.rawgraphs.io

www.ruadebaixo.com

www.viralagenda.com

Software utilizado

Adobe Illustrator (Adobe Systems)

Numbers (Apple Inc.)

RAW Graphs (DensityDesign Research Lab)

João Concha

Caracterização dos festivais de arte na Lisboa pós-EXPO'98: evolução e tendências
4º Colóquio Territórios Metropolitanos Contemporâneos (29 de Maio de 2019)